

Francisco Carvalho

GIRASSÓIS  
DE  
BARRO



---

**UFC**

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

**A**cabada a leitura de **Raízes da Voz**, do poeta cearense Francisco Carvalho, obra publicada pela UFC, no **Programa Editorial da Casa de José de Alencar**, e, inserindo-a no amplo mapa de sua trajetória poética, pensamos estar face a face com um desses raros poetas.

Dividida em três partes (**Livro dos Adágios**, **Livro das Generalidades** e **Livro do Fazedor de Gaiolas**), a obra nos abre um largo e surpreendente território caracterizado pela mais vívida e plural fauna e flora poéticas. Aqui, tanto na órbita das estratégias técnico-literárias como no espaço da linguagem e das motivações, Francisco Carvalho, à semelhança de outros momentos, procura intumescer o seu lirismo com as imagens e os símbolos que a natureza semeia em seus inesgotáveis movimentos.

No **Livro dos Adágios**, destaca-se o motivo do vento, perquirido poeticamente através de um jogo metafórico que, muitas vezes, pelo inusitado das relações semânticas, convoca o leitor para a experiência do mais denso estranhamento. O texto **Adágios do Vento**, na sua estrutura monotemática de vinte momentos, nos permite confrontar exemplos os mais variados, tais como: "O vento é um andarilho/ que sacode as cancelas/ e passa sem ser visto/ pelas janelas.// O vento é um dromedário/ sem rumo certo/ que vai escrevendo/ elegias no deserto".

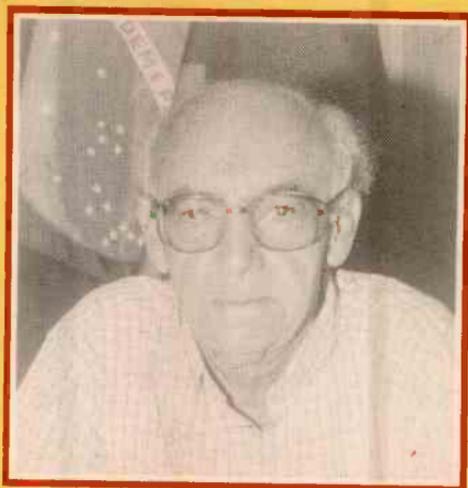
Trabalhando ora versos livres ora a melódica redondilha, o poeta vai tecendo uma espécie de caleidoscópio imagético que só tende a elastecer a significação do dado apalpado, tocando, assim, a magia secreta que de certo une todas as coisas e faz com que todos os entes se correspondam. As metáforas predicativas do poema **X**, em cadenciados dísticos, nos dão bem as medidas de suas virtualidades. Senão vejamos: "O vento é uma ilha/ de um mapa de espantos// uma torre semeada/ de rumor e de espigas// o dorso martirizado/ da égua do faraó".

Com o **Livro das Generalidades**, as motivações se diversificam, e a lírica do poe-

ta cearense, iluminada, recobre o corpo da casa, das romãs, do tempo, dos objetos, bichos, enfim, de tudo aquilo em que palpita o rumor da vida. O viés filosófico cintila nos tercetos de **Nada é para sempre** e o veio metalinguístico se cristaliza na síntese perfeita do poema **Raízes da Voz**. Sem dúvida, é esta a seção mais pluriforme do livro, tanto no tocante à temática como no que diz respeito à técnica compositiva, em que pese, contudo, a persistente unidade da substância lírica subjacente à poesia de Francisco Carvalho.

A uniformidade técnica domina o **Livro do Fazedor de Gaiolas**, sobretudo através do soneto, modalidade poética em que o autor de **Sonata dos Punhais** é artífice incontestado. Aqui, FC homenageia um elenco de poetas, exercitando uma escrita dialógica em que suas imagens evocam as imagens alheias, prefigurando, assim, um universo intertextual que faz de sua poesia, como tantas outras no calendário da modernidade, também uma poética da leitura. E mais do que uma poética da leitura, uma poética do convívio. Dos sonetos, de metros variados e múltiplos ritmos, destacamos os para A. C. Osório, Cícero Acaiaba, Domingos Carvalho, Horácio Dídimo, Lêdo Ivo e, em especial, Luciano Maia, no qual destacamos os tercetos: "Quem segue as moças entre os eucaliptos/ onde um fauno as espera qual se fora/ um sedutor vestido de jogral.// Quem pastoreia a insônia dos cabritos/ a nudez e os rebanhos da pastora/ sabe que o amor não morre em Portugal".

Com uma obra poética de mais de vinte títulos, numa prova de continuidade que impressiona, Francisco Carvalho é, como diz José Alcides Pinto: "um poeta de linhagem universal, um poeta que desconhece fronteiras e, sendo o que é, um poeta legítimo, tem seu lugar assegurado no tempo de hoje e da posteridade. Como César Vallejo, Neruda, Guillén, Drummond ou Fernando Pessoa, sua poesia já não lhe pertence, é patrimônio da humanidade".



*Francisco Carvalho, escritor e poeta.*

Blocos enxutos, metáfora nova. É o que vejo e é o que há-de ficar, para sempre, da poética de Francisco Carvalho. Sua peculiaridade, seu núcleo temático cristalizam, principalmente, o testemunho daquilo que "se apaga". E vale-se da memória para reedificar os "gorjeios da alma", a ressonância dos caibros que desabam e a incandescência da nuvem que some na curva do poema. O poema que fica. A palavra que assume os abismos do semântico, a redundância do léxico e a performance da linguagem na competência do "sujeito falante", com toda a singularidade e a força criativa de um verdadeiro oráculo do século que míngua.

Desta mesa de bar, portanto, saúdo o poeta d'Os Exílios do Homem e da postura erecta com que ele vai adentrando, neste mês de junho de 1997, os dourados umbrais dos anos setenta. A um e a outro faço agitar a "ramagem fugidia" da mais sincera homenagem. Tudo isso ao brinde das taças que imagino ao som da lira que fica, hoje, ainda mais sonora aos ouvidos do mundo.

**Jorge Tufic**

**UFC**

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL**

GIRASSÓIS  
DE  
BARRO

So prezado amigo  
Nilton Maciel, as  
removidas home-  
magens do



06/08/24

# **COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Italo Gurgel

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

Francisco Carvalho

GIRASSÓIS  
DE  
BARRO

**UFC**

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL  
1997

## **Livros do Autor**

*Cristal da Memória/1955; Canção Atrás da Esfinge/1956; Do Girassol e da Nuvem/1960; O Tempo e os Amantes/1966; Dimensão das Coisas/1967; Memorial de Orfeu/1969; Os Mortos Azuis/1971; Pastoral dos Dias Maduros/1977; As Verdes Léguas/1979; Rosa dos Eventos/1982; Quadrante Solar/1983 (Prêmio Nestlé de Poesia); As Visões do Corpo/1984; Barca dos Sentidos/1989; Rosa Geométrica/1990; Exercícios de Literatura/1990; O Tecedor e Sua Trama/1992; Crônica das Raízes/1992; Flauta de Barro/1993; Galope de Pégaso/1994; Sonata dos Punhais/1994; Artefatos de Areia/1995; Textos & Contextos/1995; Rosa dos Minutos/1996; Raízes da Voz/1996; Os Exílios do Homem/1997.*

## *Dedicatória*

*Publicado aos setenta anos de minha vida, quando já se anunciam os clarins do terceiro milênio, este livro é dedicado à minha mulher, Doraci Figueiredo Cruz de Carvalho; aos meus filhos Tacia, Francisco e Lia Mônica; e aos meus netos Thiago, Ana Rachel, Diego, Ana Rebeca, Armando, Naiara, Helena e Isadora.*



## **Eros e a Natureza sobrepujam Tanatos na poesia de Francisco Carvalho**

A poética São Bernardo das Éguas Russas de 1927, hoje apenas Russas, presenteou a literatura brasileira com um poeta: Francisco Carvalho, que desde 1955, data da publicação de seu primeiro livro, *Cristal da Memória*, publicou 24 outros, sendo dois de crítica e ensaios literários. Dessa vez o prêmio vem na forma de *Raízes da Voz*, há poucos meses lançado.

Reforçando a técnica e o talento adquiridos ao longo de mais de 40 anos de poesia, essa obra mais recente vem confirmar a preocupação no tratamento a temáticas essenciais: a morte, a vida e o amor. No entanto, esses temas do lugar comum da humanidade não são linearmente trespassados por Francisco Carvalho.

As 193 páginas de *Raízes da Voz* contêm o tríptico: *Livro dos Adágios*, *Livro das Generalidades* e *Livro do Fazedor de Gaiolas*, nos quais o poeta trabalha dimensões como a de tempo ("O Tempo é nosso exílio", de "Minueto do Tempo"), em que o ser e o existir são constantemente questionados. Por exemplo, no poema "O Tempo nos Desfolha" é veiculada uma espécie de definição: "somos a escória do mito/a rota em que navega/a nossa penúria". Assim, através desse sentido do que somos, o poeta transparece cultivar mitos, especialmente gregos, já que é comum na sua poesia, não só nessa, mas em toda a obra, a inumerável recorrência a personagens ou situações mitológicas: "O mito é o que parece que está morto",

revela no "*Soneto para A. C. Osório*". E, embora seja até correto que se queira encontrar referências à "*nau de Ulisses que ainda ancorou*" ou à "*Penélope insone/tecendo o linho/do seu véu de noiva*", é no *Livro das Generalidades* que, de modo mais intenso, o poeta desfilia sucessivamente 7 poemas carregados desse teor, como se desejasse definitivamente dizer que a nau de Ulisses ancora na sua poesia. Então, aí aparecem: "*Testamento Real*"; "*Diário de Ulisses*"; "*Agenda Real*"; "*Palavra de Rei*", constante de palavras do próprio Odisseu: "*Assim a lenha da me consagra*". Ulisses menciona Ítaca: "*Longos anos passaste longe de Ítaca, o seio/que amamentou Eros/e as rapsódias de Homero*".

Seguem-se "*Polifemo*", o gigante que, lutando com Ulisses, perdeu seu olho; e "*Argonautas*", onde se lê "*Argonautas somos/de um mar de cimitarras e de assomos*" querendo significar que, tal os tripulantes do navio Argos que fizeram o périplo de tempestades e gigantes aterradores, a fim de obter o vélo de ouro, símbolo de valiosas minas de ouro no Cáucaso, nós também somos heróis que, diante das adversidades, sairemos vitoriosos: argonautas, portanto.

Dos 7 poemas de pretensão culta à literatura de Homero um de beleza indiscutível ainda não foi aludido, intencionalmente, no entanto. Denominado "*Circe*", refere a bela e mais célebre de todas as magas, que, dotada de extraordinários poderes, preparava poções mágicas que transformavam os seres humanos em animais. Tendo vertido os argonautas em porcos, não pôde, porém, fazê-lo com Ulisses, seduzido por ela, rendido aos encantos, enquanto a feiticeira concebeu vários de seus filhos. No poema "*Circe*", o eu poético diz do desejo de "pobre mortal": "*Quem me dera provar/dos licores encantados/dos teus amores. (...). Sem remorsos me juntaria ao rebanho/dos teus amados porcos*".

A temática mais marcante na poesia de Francisco Carvalho é certamente a morte. Porém, não existe aí uma atmosfera escura e pesada de seu registro. São do poema "*Tríptico*" os versos: "*somos apanhados/numa teia de mitos/ (...) a esfinge nos espreita/nos decifra e devora*". A esfinge aí simboliza a morte, destino irrevogável. No entanto, a morte é, na poesia de Francisco Carvalho, uma entidade que vale a vida, ou seja, sentir-se consciente da irreversibilidade da morte,

significa aumentar o fulgor da existência. Assim, *Raízes da Voz* compreende uma poesia de celebração, apesar de parecer menos celebrativa, por exemplo, que *Rosa dos Minutos*, livro anterior.

Na verdade, o poeta celebra a natureza e, para enaltecê-la, recruta elementos indispensáveis a essa exaltação, tais como: o vento, a água, a areia, o sol, o fogo, a árvore, enfim, dessa festa participam o mineral, o vegetal, o animal, numa conclamação de festejo à vida: "*Canto para as transformações do homem/ para que a todo instante ressuscite da solidão, das sucessivas mortes./Para que jorre o amor e o trigo cresça (...). Canto para que os gestos reverdeçam/para que os tristes sejam consolados/antes que partam num corcel veloz*" (Soneto para Moacir Félix). Corcel veloz que é a metáfora da morte.

Dos componentes da natureza, sem dúvida, o que mais freqüenta *Raízes da Voz* é o vento: "*Uma foice/de ceifar os dias/e as noites. (...)/Canta o tempo todo/nos galhos das parras/o seu canto é de ouro/como o das cigarras*" (Adágios do Vento). Assim, "*somos filhos do vento/e a ele voltaremos*" (Idem). O vento parece origem e condução de tudo: do tempo, das coisas, do homem, de toda a vida. Condutor inclusive da inexorável destruição da própria vida, por isso é tão presente e representa mesmo a efemeridade de tudo.

Na poesia de *Raízes da Voz*, o vento se acompanha sempre da água, elemento bastante recorrente que, na maioria das vezes, é água dos rios ou do mar e poucas vezes advém da chuva. "*Os homens já foram descendentes dos peixes*" (Soneto II). Aí parece haver uma referência ao início da vida, quando indistintamente toda a química universal convivia num mesmo "caldo cósmico", um mar de onde só depois de muito e muito evoluírem, os seres vivos saíram para a terra. Acreditando nisso, fica fácil compreender que: "*Por mais que esteja longe/o mar está sempre perto de nós*" (Poema do Mar). É constituído por 3/4 de água o planeta Terra, percentual equiparável ao que compõe de líquido também o corpo humano que, durante o período embrionário e fetal, flutua em líquido amniótico: "*Você flutua/numa bolha de água/nasce, cresce, envelhece...*" (Cúmulo). Ocasionalmente, a água é pranto da própria natureza: "*Os rios vão chorando para a foz/com sau-*

*dade dos seios das vertentes*" (Soneto para Ledo Ivo). Natureza, água, vida: do início ao fim, partes de um todo indivisível.

A areia é outro composto mineral extremamente usado em *Raízes da Voz*. Quando ela aparece, juntamente com outras palavras, forma um todo volátil, conforme é plausível a própria constituição da areia. Em geral, está ela associada ao vento ou à água, o que contribui para sua transitoriedade. O poeta não se furta de usar ainda associativos desse mineral, por exemplo, argila, terracota, pedra e outros, tidos em seu valor menos volátil e com menor freqüência. "*Ouçõ e clamor do vento/que chega de longe/com seu manto de areia*" (Adágios do Vento); "*O vento constrói/povoações de areia*" (Idem); "*O mar que escreve/odes de fúria em vértebras de areia*" (Serenata); "*Teus olhos minúsculos/enxergam a areia dos minutos*" (Elefante); "*As moças contemplavam/seus seixos de areia*" (Passeio no Quarto); "*Esculpimos o amor com mãos de argila*" (Soneto para Anderson B. Horta); "*Num cavalo de areia galopamos*" (Soneto para Iranildo Sampaio); "*Cada palavra esconde nossa efigie de areia*" (Molde) etc.

Nessa festa em que a Natureza sobrepuja Tanatos (deus grego da morte), o poeta engaja o fogo, a chama, o sol, a lua, o ouro, enfim, a claridade da luz. "*O vento é uma sesmaria/de relâmpagos*" (Adágios do Vento); "*O gado pastata tardes de girassóis*" (Idem); "*Vou arder como as estrelas ardem, em suas órbitas de fogo*" (Serenata); "*Me puseram na cabeça/o colar de chamas/dos heróis*" (Testamento Real); "*Setembro em chamas/. O sol exhibe os frutos/de seus dorados ramos*" (Exercícios de Ausência); "*O corpo é uma pilastra que se move/no espaço, entre as fogueiras das galáxias*" (Soneto para Linhares Filho); "*Vi Nefertiti em seu dossel de ouro*" (Barqueiro do Nilo) etc.

Uma cor assídua à poesia de *Raízes da Voz* é azul, dispersa ao longo do livro: "*O céu era todo azul/por fora e por dentro todos os dias eu comia/os pêssegos do tempo*" (Adágios do Vento); "*A águia é um deus vestido de argonauta/abarca o azul com seus olhos em chamas*" (Águia). Além de estar a cor azul pincelada nesse livro, ainda intitula dois poemas: "*Liturgia do Azul*" e "*Tarde Azul*". Porém, há aí outras poesias e muitos espaços assim pintados, como "*O Sino e a Tarde*", em que tudo se ilumina com a garantia celeste, que torna ébrias as pombas.

Contrariando o ideal de luminosidade, simbolizado pelo universo semântico de palavras que remetem ao brilho do sol da tarde, à chama, ao ouro das espigas, ao azul, várias vezes contraditoriamente surgem outros termos que culminam em uma atmosfera mais nostálgica que luminosa: "*Por mais que seja azul/o mar parece um conde/vestido de negro*" (Poema do Mar); "*Um gavião sobrevoa/a ossada reluzente/da tarde límpida*" (Gavião).

Esse livro de Francisco Carvalho é, como o vento, uma "*seara de trigo regada pelo vinho dos deuses*" (Adágios do Vento), onde se come "*os pêssegos do tempo e de outubro*" (Idem), numa "*terra semeada de rumor e de espigas*" (Idem), em que se "*celebra os funerais do estio/. Quando chega a estação/dos frutos e da ceifa/o homem os recolhe/em sua mão direita/. A árvore carrega/os astros sobre os ombros/. É a deusa tutelar/dos homens, dos gnomos*". Esses últimos versos são do poema "*Irmã Árvore*", que revela a patente indissociabilidade animal do vegetal em *Raízes da Voz*. E, apesar dos antúrios, dos eucaliptos, das romãs e rosas, do trigo e das espigas, existe aí a insistência no tratamento a uma árvore de grande porte que adquire grandeza poética: é o cedro. "*Porta de cedro/maciço/cheia de mistério/e de feitiço*" (Minueto da Porta); "*Os armários de cedro/ainda recendem/à resina e medo*" (Testamento). Além de outras referências a essa madeira nobre, resta ainda um poema chamado "*Liturgia do Cedro*", em que todos os seres, animados ou não, constituem-se de cedro, inclusive "*esquifes de cedro para os mortos de cedro*".

Celebrando a vida através da mãe Natureza, um componente não poderia se ausentar da poesia de Francisco Carvalho: o odor. Vale ressaltar um pequeno trecho do livro *Aroma: A História Cultural dos Odores* (Classen, Howes, Synnott), que diz: "*No Ocidente, temos propensão a ser tão 'cegos para os odores' que, se o cheiro não nos for posto bem debaixo do nariz, como se costuma dizer, é usualmente perdido na confusão*" (p. 19). O odor é uma significação viável de ocorrência em *Raízes da Voz*, pois sobre ele já se confirmou antes o uso do cultivo à mitologia grega, lugar comum também dos cheiros. Conforme *Aroma*: "*Com uma tradição clássica de longa data, os deuses antigos deleitavam-se em substâncias aromáticas e eram eles*

*próprios aromáticos. Zeus é descrito por Homero como envolto numa nuvem de fragrâncias. (...). O Monte Olimpo era tido na conta de um lugar de fragrâncias. (...). A associação de amor com fragrância não era meramente retórica, pois o amor era personificado nas fragrantes pessoas de Afrodite e Eros. (...) Portanto, as doces fragrâncias serviam não só para atrair os seres amados, mas o próprio Amor" (p. 39, 54, 55).*

Apesar de o sentido olfativo parecer bem mais presente no livro *Rosa dos Minutos*, em *Raízes da Voz* ele está mais vinculado ao faro do animal em busca da presa: "*O olho da serpente/passeia a treva/lambe o odor da presa*" (Triptico), "*Tenso como um arco/o gato desenha/os moldes do salto/crivado de fúrias/salto que o liga/à ponte do olfato*" (Gato), "*Quando o seu faro pulsa/sente o odor da Ursa?*" (Idem). Nesse último trecho do poema "*Gato*", apesar da dúvida de o animal sentir ou não o cheiro da longínqua constelação, já se deduz uma afirmação, intensificando então o poder olfativo do felino que, de tão apurado, farejaria até uma constelação.

Um dos mais belos resultados dessa recente obra é "*Adágio para um Tigre*", poema que se assemelharia a uma pintura, não apenas na sua riqueza visual, pois essa poesia valoriza com imagens o sentido olfativo, ora destacado, mas também o auditivo e todos os significados que a sensibilidade puder arrebanhar, embora possa parecer ilógico, por se tratar de linguagem verbal. Ler os seguintes versos de tal poema, paga a experiência de se deixar ver, ouvir os sons da floresta, quase tocar a presa ou até sentir sua pulsação e seu cheiro, admirada:

*" Quando ele passeia pela floresta  
os astros se escondem em seus casulos  
de cristal e as ramagens genuflexas  
derramam no ar gorjeios de alaúdes.*

*(...)*

*O tigre escuta o cântico das árvores  
seduzidas pela flauta de Pã.*

*(...)*

*Quando ele passa entre arcadas de sombras  
o som do seu andar sacode as árvores  
acorda as aves e os olhos dos pântanos.*

(...)

*Até as pedras fogem quando o gato  
vara a floresta com seu dorso em chamas  
rendido o olhar às súplicas do olfato.*

(...)

*Esse avatar dos deuses tem nos olhos  
a sedução de um déspota, o fulgor  
de todos os desejos assassinos.*

*Quando a lua vai alta e os astros dormem  
as pupilas do tigre ainda farejam  
a pulsação da presa adormecida"*

O tigre aí parece mais um homem, confirmando esses 3 versos de "O Bicho Homem": "Os rastros do homem/no vento ou na água/são rastros de fera".

A toda essa celebração da vida, da qual participam o mineral, o vegetal, o animal e os sentidos do Homem, Eros não poderia se isentar, sendo o erotismo uma dimensão exclusivamente humana. Ninguém espere, porém, encontrar na poesia de Francisco Carvalho o erótico manifesto, tal um recurso de consumo. Na verdade, nem seria de se cogitar isso a um poeta que, de seu porte, trabalha com símbolos de perfeição tão indiscutível. O erotismo que *Raízes da Voz* comporta é aquele que se soma ao enaltecimento da vida. Assim é que ele sobrepuja a morte. Não que ela não chegue, todavia, aliar-se a Eros é afugentá-la, é se manter vivo.

Talvez seja então oportuno transcrever 2 excertos de *O Erotismo* (Georges Bataille): "Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Não aceitamos muito bem a idéia que nos relaciona a uma dualidade de acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser. (...). Essa nostalgia comanda em todos os homens formas de erotismo. (...). A sexualidade e a morte são apenas os momentos intensos de uma festa que a natureza celebra com a multidão inesgotável dos seres" (p. 15, 58).

Ciente, então, que um dia a mesma natureza profícua que berça e acalenta, brindará à morte, vale, assim, o amor, a amada, seu corpo, seu cheiro, os desejos, compensações da vida. Em geral, esse é o contexto em que se encontra o eco erótico na poesia de Francisco Carvalho, mantido em *Raízes da Voz*: “*Às dádivas da terra e aos frutos da água/prefiro as romãs/do bosque da amada*” (Canção das Romãs); “*Um deus de terracota/urde as suas tramas/semeia o teu ventre/ lavou-ra de chamas*” (Pastoreio); “*Abre a porta/para que o fauno/devore os teus gomos/para que o mar rebente/as portas do teu ventre*” (Abre a porta); “*Na tarde azul o meu desejo anco-ra/nas angras do teu corpo alumiado/pelas tochas dos sonhos e dos mitos*” (Tarde azul); “*A noite molhada pelo jorro dos amantes/pela luxúria do cedro e dos espelhos/pelo fulgor dos corpos e do vinho*” (Cidadela).

Em *Rosa dos Minutos*, um dos livros mais aprazíveis de Francisco Carvalho, o poeta traz esse mesmo princípio. Transparece, no entanto, fazê-lo de modo mais enfático e direto: “*Grande é o hálito do amor que ressuscita os mortos*” (Grandeza); “*Não vá a morte apagar/a chama desses meninos*” (Namorados); “*Podar as relvas da amada/tudo o que a morte trescala*” (Jardineiro) etc. Nesse mesmo livro, o poeta diz: “*As palavras são asas de Eros*”.

Se Francisco Carvalho chegou a declarar que suas primeiras publicações, desde *Cristal da Memória* (1955) até *O Tempo e os Amantes* (1966), são apenas um exercício primário de suas experiências modernistas, com todos os defeitos comuns aos textos dos iniciantes, considera-se que encontra a partir de *Dimensão das Coisas* (1967) a verdadeira dimensão do seu fazer poético. “*As palavras/são orquídeas do efêmero/Ramagens das vinhas/do espírito/Essas ovelhas do mito/ Rumor da infância/dentro de nós/Cinzas da súplica/Raízes da Voz*”. Esses são versos do poema que intitula *Raízes da Voz*, livro plural, súplice ao que o poeta não pode guardar só para si, raízes de sua voz. E, apesar da influência de Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e outros que marcaram sua vida literária, Francisco Carvalho tem sua própria voz, a que ele deseja ter. Os versos a seguir são de “*Soneto*”, último poema desse livro recente: “*A poesia sem mistério não terá assento na hierarquia dos anjos*”.

*Será motivo de discórdia e zombaria no limiar das portas do reino".*

Escrever modestos comentários, elucubrações, experimento apenas sobre a monumental poesia de Francisco Carvalho é a humilde tentativa de ressaltar um reino onde "os deuses celebram os mistérios órficos" (Minueto da Porta), através de imagens, criadas por quem já dedicou quase toda a sua existência a essa tessitura, a esse mistério que não se consome, não perde seu valor, sua beleza, pois para essa poesia não há código que a desvele. E, mesmo que cada porta tenha sua chave, conforme diz "Minueto da Porta", a obra deste Querubim também possui inumeráveis portas, cada qual com sua chave, segredos, talento de anjo superior, que, apesar de há muito já ter ultrapassado "o limiar das portas do reino" da literatura, como talvez desejava alcançar, Francisco Carvalho ainda terá que libertar muito mais da sua voz, raízes que imensamente privilegiam seus leitores. São raízes universais na voz do grande poeta.

MAILMA DE SOUSA  
Mestranda em Letras/UFC



## Sumário

**Eros e a Natureza sobrepujam Tanatos na poesia de Francisco Carvalho – vii**

### **Primeira Parte – Pastoral dos Aflitos**

Vinho Antigo, 23 – Memória de Uma Utopia, 25 – Girassóis de Barro, 26 – Os Antepassados, 27 – Viagem, 28 – Canção da Ovelha, 29 – Súditos da Aurora, 30 – Quarto, 31 – Quarto Escuro, 32 – Soneto para Uma Ovelha, 33 – Aniversário, 34 – Canção dos Rios, 35 – Pastoreio, 36 – Casa de Areia, 37 – Projeto de Vida, 38 – Negra Pantera, 39 – Os Cães, 40 – À Beira de Tudo, 41 – Elegia Espanhola, 42 – Cinco de la Tarde, 43 – Jogos Florais, 45 – Balada dos Violinos Cegos, 47 – Sábado, 50 – Núpcias de Tróia, 51 – Ceifa, 52 – Soneto Triangular, 53 – Soneto Triangular II, 54 – Soneto Triangular III, 55 – Soneto Triangular IV, 56 – Soneto Triangular V, 57 – Soneto Triangular VI, 58 – Soneto Triangular VII, 59 – Soneto Triangular VIII, 60 – Soneto Triangular IX, 61 – Soneto Triangular X, 62 – Soneto Triangular XI, 63 – Soneto Triangular XIII, 64 – Zôo no Céu, 65 – Desenho a Nanquim, 66 – Canção das Fêmeas, 67 – Nau da Noite, 68 – Cantiga do Boto, 69 – Soneto da Morte Tríplice, 70 – Dialética, 71 – Seios do Paradoxo, 72 – Búfalo, 73 – Pulso, 74 – Projeto de Ressurreição, 75 – Sósia de Eros, 77 – Pavana para Agueda, 78 – Canção do Índio, 80 – Brevidade, 81 – Igualdade, 82 – Os Brutos, 83 – Sonata da Pedra, 84 – Pássaro, 85 –

Messe dos Aflitos, 86 – Montanha, 87 – Amor de Ausência, 88 – Poema para não Rezar, 89 – Soneto de Jacó, 91 – Poema dos Caminhos, 92 – Canção do Regresso, 93 – Partilha da Terra, 94 – Canção do Bicho Humano, 95 – Retrato de Mulher, 97 – Canção da Oferta, 99 – Sexo, 100 – Relatório, 101 – Hóspede, 102 – Poema Caipira, 103 – Unanimidade, 104 – O Pão e a Canção, 105 – Canção da Tarde, 106 – História, 108 – Ci-clone, 109 – Touro, 110 – Poema Finissecular, 111 – Flor do Caos, 112 – O Poeta Vai à Fazenda, 113 – Soneto ao vigia da tarde, 114 – Elogio da Beleza, 115 – Barca, 116 – Poema das Mutações, 117 – Poemas Inominados, 118 – Cumplicidade, 122 – Canção dos Excluídos, 123 – Terra, 125 – Dez Estudos Sobre o Amor, 127 – Luar das Palavras, 132.

### **Segunda Parte – Pastoral de Minas**

Canto I, 137 – Canto II, 138 – Canto III, 139 – Canto IV, 140 – Canto V, 141 – Canto VI, 142 – Canto VII, 143 – Canto VIII, 144 – Canto IX, 145 – Canto X, 146 – Canto XI, 147 – Canto XII, 148 – Canto XIII, 149 – Canto XIV, 151 – Canto XV, 152 – Canto XVI, 154 – Canto XVII, 156 – Canto XVIII, 157 – Canto XIX, 158 – Canto XX, 159.

### **Terceira Parte – Rastros da Parábola**

I, 165 – II, 166 – III, 167 – IV, 168 – V, 169 – VI, 170 – VII, 171 – VIII, 172 – IX, 173 – X, 174 – Anjo, 175 – Desenho Abstrato, 176 – Canção do Anjo, 177 – Anjo Músico, 178 – Monólogo do Anjo, 179 – Ficções, 180 – Epístola, 181 – Árvore Mística, 183 – Cristo Exposto, 183 – Ladainha, 184 – Pedro, 185.

**Primeira Parte**  
**Pastoral dos Aflitos**

**Para:**

*Ângela Gutiérrez*  
*Fabiana Guimarães Rocha*  
*Mailma de Sousa*  
*Natércia Campos*  
*Regina Fiúza*  
*Stella Leonardos*



A língua macia do tempo/rio desaguando noutro rio.

*Adriano Espíndola.*

E vamos/inventando ternura nos caminhos/e colhendo a alegria que há nos ramos.

*Anderson Braga Horta.*

Cinzas se escondem/hábeis felinos/em saltos gráceis.

*Antônio Carlos Osório.*

Senhor demônio, tenha compaixão de um pobre bispo!

*Ariano Suassuna.*

Todas as palavras têm o seu luar.

*Artur Eduardo Benevides.*

Bailarinos de corpos de medusa, continuai.

*Ascendino Leite.*

O que vale é o laço alado/umbilical cordão/entre o boi e o homem.

*Batista de Lima.*

Existe um menino vestindo a túnica da solidão.

*Caetano Ximenes Aragão.*

Por falta de voz/canto/o prenúncio das foices.

*Cândido Rolim.*

O amor são as patas do cavalo/sobre os espelhos das campinas.

*Carlos Augusto Viana.*

Na leveza/da tua essência/ o meu destino/encontra/a sua seara.

*Carlos d'Alge.*

Teus cabelos de prata são sessenta/e duas velas sobre os meus ombrais.

*Cecília Bóssi.*

Toda linguagem é fogo/e sua luz ensina.

*César Leal.*

Há uma hora em que velejamos pelas bordas do caos.

*Dimas Macedo.*

Cantor de cântaros/escande/no cântaro/a cantárida do canto.

*Gerardo Mello Mourão.*

Sempre ouvi que abandonavas/teus vestidos no leito dos rios...

*Gilberto Mendonça Teles.*



## Vinho Antigo

O sonho é um vinho antigo que bebemos  
numa taça de chumbo derretido.  
Silêncios nos esmagam com seus caules  
molhados pela aurora ou pela chuva.

Nalgum estio consagrado aos pássaros  
morcegos comerão as nossas odes.  
As virgens celebradas pelos bardos  
vão aos campos de Booz colher espigas.

Essas moças de antanho entardeceram  
sob as frondes das árvores. Ali  
onde as raposas dormem sem remorsos  
e lagartos mastigam borboletas.

Chegado o inverno, o tempo nos agride  
com suas tenazes, com a sua música.  
O deus do vento abarca a imensidade  
com seus braços cingidos pela fúria.

Algum anjo evadido nos espera  
numa esquina esquecida de Gomorra.  
Ele veio do mar com seus fanais  
seus velhos remos e o calor da voz.

Secretos pensamentos nos semeiam  
mas não sabemos onde fica a estrada  
dos umbrais. Tudo e os pórticos de fogo  
da nossa carne: cinzas de espantelho.

Não sabemos as rotas da memória  
nem onde pulsa a chama do seu vértice.  
Rastejamos num leito de cristal  
entre ossadas de barcos e afogados.

As chuvas do equinócio nos pranteiam  
por entre o galopar das estações.  
O pássaro esquecido na gaiola  
come o pólen das horas e das heras.

A frente que se inclina sobre as águas  
de um rio consumido pelas chamas.  
Ó barqueiro fugido dos infernos  
aonde nos levam teus velozes remos?

Os castiçais que velam pelos mortos  
e as fulvas madrugadas do zodíaco.  
Nossos olhos voltados para as sombras  
e as visões de regresso ao purgatório.

## **Memória de Uma Utopia**

Foi à janela quando  
as sombras do entardecer caíam  
suavemente sobre a colina.  
Na colina havia uma tumba à espera  
dos ancestrais, cercada de relvas  
e dum rumor de ovelhas.  
Imaginou que talvez fosse tarde  
demais para ser convidado ao banquete  
de uma volúpia chamada utopia.  
Veio de longe o repicar de um sino  
arrastando folhas amarelas  
e pássaros tardios.  
O odor da chuva e das núpcias da terra  
o levou a recordar certo rio  
de águas dilaceradas, onde os meninos  
costumavam mergulhar à procura  
de conchas e reminiscências  
entre os cabelos dos afogados.

## **Girassóis de Barro**

Vou me lembrar de ti  
do teu vestido claro  
de tua janela verde  
com girassóis de barro.

Vou semear teu corpo  
com cio de cavalo  
vou seduzir teus olhos  
com girassóis de barro.

Vou te esperar à luz  
do luar do meu cigarro  
com flores amarelas  
de girassóis de barro.

De Atenas vou a Tróia  
de Tebas a Cartago  
para te dar um ramo  
de girassóis de barro.

Vou mergulhar nas ondas  
do teu secreto lago.  
Teus seios de andaluza  
são girassóis de barro.

## Os Antepassados

Os antepassados permanecem vivos  
e volúveis na memória das fotografias.  
Às vezes nos olham com desdém  
outras vezes zombam de nós  
com gestos e gargalhadas de areia.

Eventualmente converso com eles  
mas sempre os encontro distraídos  
os olhos fixos no meridiano  
que separa a curvatura da terra  
dos despenhadeiros da morte.

Os antepassados me parecem ávidos.  
Alguns cofiam os bigodes com  
a sensualidade de um bichano azul.  
Outros parecem distantes, extraviados  
na poeira de zinco das galáxias.

Os antepassados já dormiram nos pórticos  
onde os mendigos costumam guardar  
seus velhos sapatos e recordações.

## Viagem

O tempo é um abutre  
que me devora as entranhas.  
Albatroz enlouquecido  
que se alimenta das fúrias do mar.

O tempo me tem acorrentado  
à placenta da pedra.  
É um rio que deságua  
na memória dos afogados.

Sou hóspede do tempo.  
Ardo na fogueira dos minutos  
ao sol das pálpebras das dançarinas.

Vivo do tempo e do seu ópio.  
Meu reino é deste mundo e deste tempo.  
Viagem aos seios das Valquírias.

## Canção da Ovelha

Uma ovelha balia mas não era  
porque estivesse longe do pastor.  
Balia pela cria que perdera.  
Pela distância e pelo seu odor

de relva e húmus. Talvez pelo mito  
ou pelo sangue derramado em vão.  
Uma ovelha baliu junto de Cristo  
e rumina o prodígio, desde então.

Uma ovelha balia para o tempo  
e pela chuva. Mas também balia  
pelo regresso doutra ovelha incauta

extraviada nos confins do dia.  
Balia pela fome e pelo vento  
que também é pastor e toca flauta.

## **Súditos da Aurora**

Súditos do barro e da aurora  
descendemos da dinastia dos pântanos  
ardemos numa fogueira de utopias.

Colecionamos besouros e palavras  
reminiscências, intrigas, fotografias  
e borboletas embalsamadas.

Temos fome e sede de volúpia  
dizem que somos afluentes de Deus  
e cavalgamos no alazão do vômito.

O tempo nos torna cúmplices da vida  
e da morte. Nossas cabeças decapitadas  
pela estação dos ventos e dos dias.

Só o amor nos redime do caos  
reconstitui cada fragmento  
das nossas ilusões dilaceradas.

## Quarto

O quarto tem quatro paredes  
quatro esquinas de pedra  
uma lâmpada, uma porta.

Cada parede do quarto  
tem sete espelhos  
sete retratos.

Cada retrato  
tem sete donzelas  
sete borboletas nos seios delas.

O quarto tem quatro janelas  
sete suspiros de noivas  
em cada armário de cedro.

A porta range nos gonzos  
os gonzos rangem no vento  
o vento range na porta.

## Quarto Escuro

Acendo o pavio da candeia  
no quarto escuro  
mas o mundo ao redor de mim  
mais escuro ainda.

Acendo a chama de um fósforo  
uma bela chama azul  
disputada pelos duendes  
e os olhos dos mortos.

Acendo as treze velas  
do castiçal da parábola  
as ressonâncias do quarto  
flutuam na escuridão.

O quarto só se iluminou  
ao raiar da madrugada de tua nudez.

## **Soneto para Uma Ovelha**

Essa ovelha é a cópia de outra ovelha,  
seu balido é um lamento sedutor.  
Nunca ouviu o sussurro de uma abelha  
nem ruminou o talo de uma flor.

Essa ovelha de triste formosura  
tem seus caprichos e tem seus recatos.  
Nunca viu as vertentes de água pura,  
os novelos de espuma dos regatos.

Veio a nascer por métodos estranhos  
ao calor e à ternura dos rebanhos,  
às eternas parábolas do amor.

Não sabe de Rachel e outras meninas  
que às tardes regressavam das colinas,  
cada qual seduzindo o seu pastor.

## **Aniversário**

Ontem celebrei meu aniversário  
mas não recebi telegramas  
nem rosas de papel crepon pelo correio.  
Recebi um ramallete de mentiras  
uma gravata de listras oblíquas  
uma taça de fel cravejada de ódio.

Ontem celebrei meu aniversário  
vesti meu paletó de espantinho  
pus um brasão de escárnio na lapela.  
Os retratos me sorriram da parede  
e seus bigodes me olharam com desdém  
fitando em mim a fina flor da escória.

Ontem celebrei meu aniversário  
entre apertos de mão e golfadas de vinho.  
Mas não me desejaram felicidades  
nem muitos anos de vida à minha calvície.  
Recebi um cebolão de meu bisavô  
desencarnado no alvorecer da República  
uma descompostura da sogra do filho pródigo  
uma taça de fel cravejada de ódio.

Ontem celebrei meu aniversário.  
Fui bastante aplaudido  
pelo sarcasmo dos vivos e dos mortos.

## Canção dos Rios

Os rios que chegam  
dos vales da aurora  
começam a dormir  
pela orla.

Os rios que secam  
os rios de Angola  
começam a sangrar  
pela orla.

Os rios que chegam  
e vão logo embora  
começam a morrer  
pela orla.

Os rios que afagam  
os pés da pastora  
começam a sonhar  
pela orla.

Os rios dos mortos  
arautos de outrora  
começam a chorar  
pela orla.

*motivo central deste poema tem origem no verso "Os rios começam a dormir pela orla", do poeta Manoel de Barros.*

## Pastoreio

O mar é um pastor  
de cardumes de fogo  
e rebanhos de marés.

Do mar nasce  
a dinastia das gaivotas  
dos búzios e dos pescadores.

A sombra da baleia  
que engoliu o profeta  
e as vozes dos arautos.

Do mar se levantam os afogados  
em busca dos barcos  
e dos remos soterrados na areia.

Do mar se erguem as súplicas  
dos argonautas de Ulisses  
as imprecações de Penélope.

Ao mar regressam  
as noivas dos marujos  
e as naus do nosso exílio.

## **Casa de Areia**

Entrei na casa de areia  
era uma casa sem portas.  
O vento rodopiava  
nas folhas mortas.

Entrei na casa de areia  
castelo de vigas tortas.  
O vento rezava o ofício  
das folhas mortas.

Na casa o rumor das águas  
que passam pelas comportas.  
Vozes e reminiscências  
são folhas mortas.

Entrei na casa de areia  
com as fraturas expostas.  
Dançava o pólen dos elfos  
nas folhas mortas.

Ó fogo dos ancestrais  
que ao mito já não me exortas.  
Entrei na casa de areia.  
Só folhas mortas.

## Projeto de Vida

A vida está aí  
com as suas dores  
e seus odores.

Suas vertigens  
e seus relâmpagos  
de vozes

que flamejam  
no céu: deserto  
de anjos e de nuvens.

Seios de água  
as fontes roçam  
a harpa das raízes.

Corpos nus  
dardejam na água  
borbulhante de orgasmos.

A vida está aí  
com o seu desvario  
de violinos cegos.

## Negra Pantera

Homens de alumínio percorrem as ruas  
e avenidas com passos apressados.  
O vento agita as suas gravatas listradas  
e a penugem senil de suas calvícies precoces.

Os burocratas atrás de janelas de vidro  
não se dão conta do vazio azulado  
que dispara flechas de escárnio e indiferença  
contra a ingênua presunção dos homens.

Estamos mergulhados num pântano de laudas  
atulhadas de memorandos e algarismos.  
A poeira dos arquivos é o néctar dessas almas  
que parecem flutuar na cinza de si mesmas.

Os sonhos são iguais a um canteiro de relvas  
que seca e reverdece ao sopro dos dias.  
A existência não passa de migalhas  
que restaram das iguarias dos deuses.

Só o amor nos ressuscita do caos.  
Vai ao encontro da mulher amada  
à sombra de suas axilas em flor  
antes que a morte te abrace, negra pantera.

## Os Cães

*À memória de Moreira Campos*

Enquanto houver pastores  
crianças para dormir  
estrelas com insônia  
os cães continuarão a uivar  
pela madrugada.

Enquanto os galos estiverem  
viajando para o zodíaco  
esse país de chamas  
os cães continuarão a uivar  
pela madrugada.

Enquanto as crias das ovelhas  
estiverem ruminando  
a sua comarca de relvas  
os cães continuarão a uivar  
pela madrugada.

Enquanto as vidraças nos fitarem  
com seus olhos acordados  
pelo rumor dos caminhos  
os cães continuarão a uivar  
pela madrugada.

## **À Beira de Tudo**

à beira do mar  
à beira do rio  
à beira do vento  
à beira do fogo  
à beira do estio  
à beira do ócio  
à beira do cio  
à beira do espanto  
à beira da raiva  
à beira do arbítrio  
à beira do mito  
à beira do engodo  
à beira da calva  
à beira do engulho  
à beira do abismo  
à beira da cama  
à beira do orgasmo  
à beira do tempo  
à beira do salto  
à beira do infarto  
à beira da estrada  
à beira do poema  
à beira do nada  
à beira do entrudo  
me sinto vazio de tudo.

## Elegia Espanhola

Na arena vazia  
o touro morria  
ao clarão da espada  
mais veloz que havia.

Era tarde e ardia  
a fimbria do dia.  
Na arena de espantos  
o touro morria.

No alto a monja esguia  
regressa à abadia.  
O sangue do touro  
na arena escorria.

Vem de Andaluzia  
essa voz bravia?  
As guitarras mouras  
morrem de agonia.

Na arena vazia  
ninguém mais ouvia  
o clamor do povo  
que se despedia.

Tarde que morria.  
Uma sombra erguia  
seu brinde de sangue  
à arena vazia.

## **Cinco de la Tarde**

Cinco de la tarde.  
A lua é uma força  
suspensa do céu.  
Fantasma de Lorca.

Chegam de Granada  
presságios e augúrios.  
São touros que sangram  
à sombra dos muros.

Cinco de la tarde  
na esquina dos mouros.  
Alba de punhais  
os olhos dos touros.

Na arena deserta  
o som dos cavalos.  
Dos violinos jorra  
sangue nos terraços.

São bodas de sangue  
o canto dos galos.  
O vento pranteia  
noivas de Santiago.

Pulsam nas esferas  
estrelas de insônia.  
Punhais e violinos  
acordam Tarragona.

Cinco de la tarde  
em Valladolid.  
Sete touros mortos  
sangram por aqui.

Sete touros negros  
clamam por vingança.  
Punhais e violinos  
dobram pela infância.

Noivas de Santiago  
têm olhos de mouro  
seios de topázio  
volúpias de touro.

Cinco de la tarde.  
Todas as janelas  
botam luto pelos  
namorados delas.

A lua é uma ode  
de sangue. Uma virgem  
que depois das bodas  
sucumbe à vertigem.

Cinco de la tarde.  
Pela arena calma  
vão florindo os passos  
de Bernarda Alba.

## Jogos Florais

ó flor do caos  
ó flor do Laos  
ó flor da ira  
ó flor das eras

ó flor do Lássio  
ó flor do lábio  
ó flor da nuca  
ó flor da estufa

ó flor da lágrima  
ó flor do empírio  
ó flor do átomo  
ó flor do arbítrio

ó flor da água  
ó flor da vértebra  
ó flor dos ombros  
ó flor da pele

ó flor do caos  
ó flor do lodo  
ó flor do pântano  
ó flor do êxodo

ó flor da pedra  
ó flor da escarpa  
ó flor da murta  
ó flor da Marta

ó flor do vento  
ó flor da alba  
ó flor dos seios  
ó flor da alma

ó flor de tudo  
ó flor de nada  
ó flor do pícaro  
ó flor do pássaro

ó flor do urânio  
ó flor da úlcera  
ó flor das naus  
vindas de Tróia

ó flor do orgasmo  
ó flor do êxtase  
ó flor dos búzios  
ó flor dos pêssegos

ó flor do corvo  
ó flor da calva  
ó flor da concha  
ó flor da voz

ó flor dos mortos  
ó flor do enigma  
ó flor crestada  
pelo ostracismo.

## Balada dos Violinos Cegos

Onde estavas quando te chamei  
das entranhas da noite?  
quando todas as lâmpadas do pórtico  
se apagaram de uma vez?  
quando os mendigos inominados começaram  
a tocar os seus violinos cegos?

Onde estavas quando os peixes  
se rebelaram nas profundezas do mar?  
quando as gaivotas chegadas de Cartago  
choraram sobre as cinzas dos muros de Tria?  
quando os ces começaram a uivar  
e a madrugada entoou uma serenata de sangue  
para os violões e o cadáver de Lorca?

Onde estavas quando os pássaros  
demoliram seus ninhos e foram degolados  
pela cimitarra do zodíaco? quando os gatos  
celebravam seu noivado de súplicas  
aos raios pontiagudos do luar de setembro?  
quando as moças sonhavam com marujos  
acordados velejando as caravelas de Homero?

Onde estavas quando os espelhos se partiram  
em fragmentos de pesadelo e cristal?  
quando as marés dos deltas do Nilo despedaaram  
as catacumbas de linho dos faraós?  
quando as amantes do rei foram expulsas  
pelo pastor dos hmens dilacerados?  
e as pombas da alba não regressaram com  
a face de Deus soterrada pelo dilúvio?

Onde estavas quando te esperei  
amada, à sombra das samambaias em flor?  
quando os meus olhos roçaram os teus joelhos  
e se perderam nos prados de tua nudez?  
onde estavas quando esvaziei a taça  
de tua sedução? quando voltei do mar  
com o meu alaúde de cordas dilaceradas  
para celebrar as núpcias dos trigais?

Onde estavas quando a chuva me afligia  
com seus látegos de prata? quando  
o teu perfil me acenava de longe e as horas  
escorriam, gotas de fel, das paredes  
do meu quarto? Onde estavas quando  
as ovelhas pastavam a relva dos dias  
as canções e a flauta do pastor?

Onde te encontravas quando Rachel tangia  
os rebanhos de Labão? quando David  
foi seduzido pela mulher de Urias? quando  
Penélope tecia uma túnica de lágrimas  
para se agasalhar nas longas noites de exílio?  
onde estavas quando ias à montanha  
colher tâmaras maduras para as pombas  
acorrentadas à placenta de Cleópatra?

Onde estavas quando a minha voz  
te seguia pelas encruzilhadas dos arroios?  
quando os deuses do bosque te seduziram  
com artimanhas de mágico? quando já era setembro  
e as luas e os pêssegos despencavam do céu?  
quando as Valquírias te ofertavam ramos  
e brotos de ouro da árvore do Amor?

Onde estavas quando os olhos do prodígio  
borbulhavam no meio das pedras?  
e as pedras rolavam do abismo e tuas  
mãos escreviam lendas de fogo e raiz  
na escultura dos rios? quando tua  
voz apascentava os braços dos afogados  
e os teus seios regavam os campos de feno  
para alimentar as éguas negras do faraó?

Onde estavas quando os galos anunciaram  
a morte do jogral? quando os soluços  
de Bernarda Alba ressoaram em todas as ameias  
ensolaradas das províncias de Espanha?  
quando os touros investiram contra o algoz  
e as guitarras sangravam nos quintais?  
Onde estavas quando os mendigos começaram  
o pastoreio dos seus violinos cegos?

## **Sábado**

Hoje é sábado  
o vento é pálido  
e tudo é sólido.

Hoje é sábado  
me sinto ávido  
e tudo é insólito.

Hoje é sábado  
no céu do hábito  
vagueia um bólido.

Hoje é sábado  
o fel da lágrima  
parece um lábaro.

Hoje é sábado  
o olhar do bêbado  
não mede um côvado.

Hoje é sábado  
o azul metálico  
da égua árabe.

Hoje é sábado  
me sinto estúpido  
e nada é sólido.

## Núpcias de Tróia

Te encontrei quando ias  
de Cartago para as núpcias de Tróia  
quando vinhas das comarcas do mar  
para o pastoreio das relvas  
e tua flauta de raízes consolava  
os rebanhos. Quando a cimitarra da lua  
decepava as cabeças dos hebreus  
e as pombas regressavam do holocausto.  
Quando o vento fustigava  
os fantasmas dos eucaliptos e pelas  
ruas desertas violões desenhavam  
madrigais. Te encontrei quando  
voltavas do arco-íris desfolhando  
borboletas sobre o dossel das estações.

## Ceifa

Chegado o tempo da ceifa  
colha os pêssegos da mulher amada  
e todos os cachos maduros de sua vinha.  
Escreva madrigais na sua pele  
desenhe astros e luas no seu dorso  
ondulado de potranca esguia.  
Semeie os dias ao sol do seu ventre  
planície banhada pelas enchentes do Nilo.  
Volte ao bosque onde as nuvens fazem  
os seus ninhos. É lá onde a mulher amada  
cultiva o seu jardim de volúpias  
e topázios. Faça um hino de relvas às pestanas  
da amada, ao vinho que ela guarda  
em suas conchas e barris de cedro do Líbano.

## Soneto Triangular

Aqui estou, perdido entre os eleitos.  
A vida passa e os sonhos não retornam.  
Pesam mais as virtudes que os defeitos.

Já não celebro as núpcias do destino.  
Trigo e palavras, vozes que semeio  
por que não morra o exausto paladino.

Não sei quem sou, não sei o quanto valho.  
Sei que carrego dentro do meu peito  
um coração vestido de espantalho.

Sou um monarca que perdeu a glória  
e foi dormir à sombra das arcadas  
de um tempo sem regresso e sem memória.

Nesse fluir de causas e de efeitos  
pesam mais as virtudes que os defeitos.

## Soneto Triangular II

Cinco da tarde. A aldeia tange o sino.  
Beatriz é uma ferida aberta  
chama no coração do florentino.

Ela está só no vértice do instante  
cercada de esplendor medieval.  
Visão lunar das súplicas de Dante.

Não te afastes de mim, astro ilusório  
que vagueia no céu. Guia meus passos  
que vão do inferno para o purgatório.

Guia meus passos para o teu olhar  
ó fonte que não cessas de correr  
por que se adoce o tenebroso mar.

Beatriz, a de místico semblante,  
repousa o olhar nas súplicas de Dante.

## Soneto Triangular III

Por sete anos foi pastor fiel.  
Outros tantos passou entre os rebanhos  
para a Lia trocar pela Rachel.

Jacó, coitado, o tempo todo ardia  
longe dos olhos da pastora amada  
irmã mais moça da feiosa Lia.

Os anos passam, lentidão cruel.  
Porém Jacó só pensa nos encantos  
e ondulações do corpo de Rachel.

Quando lhe é dado o coração da Lia  
Jacó pensava nesse amor sem glória  
e a si mesmo cem vezes repetia:

ventura alguma já me aquece e doura  
se perco o amor e as cabras da pastora.

## **Soneto Triangular IV**

A chuva chega dos confins do mar.  
Chega das naus sonhadas por Ulisses  
para ao seio dos mortos regressar.

Chega das vinhas de David. Da alma  
dos pastores que rezam nas estradas  
pelo fantasma de Bernarda Alba.

Chega dos barcos órfãos das marés  
dos remos que são vértebras dos deuses  
velando os afogados no convés.

Chega do tempo e do clamor das harpas  
tocadas pelas filhas dos hebreus  
para acordar a voz dos patriarcas.

A chuva afaga o dorso das colinas  
e acende a luz das coisas pequeninas.

## **Soneto Triangular V**

Eu te amarei à luz da clarabóia.  
Beberei do teu vinho quando, à tarde,  
a nau de Ulisses regressar de Tróia.

Falaremos de amor nos intervalos.  
Brindaremos aos deuses da volúpia  
e à cavalgada heróica dos cavalos.

Quando a noite cair sobre as ameias,  
iremos ao terraço dos antúrios  
acender os pavios das candeias.

Quando findou o mês dos pastoreios  
um ser de luz desceu sobre o teu corpo  
para escutar o arrulho dos teus seios.

Um jogral com roupagem de argonauta.  
Era Anfion tocando a sua flauta.

## Soneto Triangular VI

Sou pastor de cavalos e novilhos  
meu reino é deste mundo e deste tempo  
vagueio entre argonautas e andarilhos.

Ressuscitei ao sol dos patriarcas  
fui pastor das ovelhas de Rachel  
pernotei entre as águias nas escarpas.

Trabalhei com Jacó no pastoreio  
dos rebanhos de Labao. Em Belém  
fui segador nos campos de centeio.

Depois da cecifa, Rute me visita.  
Fui seduzido pelos olhos negros  
e as pestanas de mel da moabita.

Estou de volta, ó pássaros do vento.  
Meu reino é deste mundo e deste tempo.

## Soneto Triangular VII

Rio da minha aldeia, ó rio andejo  
que vais cantando da nascente à foz  
rumo do mar salgado, além do Tejo.

És mais belo que o Tejo, onde Lisboa  
vai contemplar seu rosto de condessa  
amada por Camões e por Pessoa.

Ó rio de meus pais, as nossas mágoas  
volúpias do passado e do presente  
ficaram soluçando em tuas águas.

Rio da minha infância soterrada  
os cabelos dos mortos são raízes  
seiva que adoça os pêssegos da amada.

Ó rio de meus pais, quando te vejo  
ouço as guitarras dos jograis do Tejo.

## Soneto Triangular VIII

Ó noite da hecatombe e das vinditas  
quando o albatroz regressa às profundezas  
e o mar começa o eterno pastoreio

das ondas insubmissas. Noite arcaica  
das gaivotas e estrelas sonolentas  
que adormecem nas pontas das escarpas

Ó noite em que me achei entre afogados  
conchas, mariscos, tochas de cabelos  
peixes que me ensinavam profecias.

Ó noite dos instintos acordados  
noite dos lobos, uivos da montanha  
enchendo o céu de augúrios e elegias.

Ó noite antiga da esperança morta.  
Tuas matilhas ladram à nossa porta.

## Soneto Triangular IX

Que deuses somos nós, que sucumbimos  
às vertigens do instinto e da lascívia  
e sempre que chegamos já partimos?

Que arautos nos governam lá dos cimos?  
que vinho sedutor nos embriaga  
que abertos nossos olhos já dormimos?

Que esfinge sonolenta nos pranteia?  
em que barco de espuma navegamos  
quando a noite caminha para a aldeia?

Que estrela acende os campos de centeio?  
Que amada nos convida para a ceifa?  
que infanta nos aperta contra o seio?

Que deuses somos nós, que galopamos  
num corcel fulminado pelos anos?

## Soneto Triangular X

Era inverno nos campos de meu pai.  
A terra fecundada pelas chuvas  
e o céu maduro, em safra de relâmpagos.

A noite vai dormir nas oiticicas.  
Com ela vão as aves do desterro  
e os remorsos dos homens que morreram.

Jorra água do balido das ovelhas.  
À luz dos vagalumes, nos currais,  
as vacas acalentam seus bezerros.

Os trovões devaneiam nas alturas  
ardem nos quartos flores de alfazema  
o amor germina à sombra dos lençóis.

Onda que vem do mar, onde que vai.  
Foi-se o inverno dos campos de meu pai.

## Soneto Triangular XI

Hoje não vou ao vale dos rebanhos  
para ver as ovelhas de Rachel  
ou me abismar nos seus olhos castanhos.

Hoje não vou brincar de carrossel  
não vou sumir no vórtice orbital  
nem dançar o Bolero de Ravel.

Hoje não vou partir rumo de Marte  
não vou lembrar que é tempo de esquecer-te  
nem esquecer que é tempo de lembrar-te.

Hoje não vou às núpcias de Assuero  
não vou beber do vinho da volúpia  
não vou ser falso nem vou ser sincero.

Hoje não morro ao som do clarinete.  
Fui convidado à ceia de Babette.

## Soneto Triangular XII

Preso à garganta o canto se estraçalha.  
O pássaro não sabe que está morto  
acorrentado às plumas da mortalha.

Era um falcão de antigas dinastias  
de faraós. Dardejava no espaço  
igual a um rei coroado pelos dias.

Alguém o degolou com uma navalha  
mas permanece o canto prisioneiro  
na garganta do pássaro de palha.

De novo a madrugada nas retinas  
o odor do sol no corpo embalsamado  
seduzindo a volúpia destas rimas.

Ante o balir da nuvem que tresmalha  
volta a cantar o pássaro de palha.

## **Zôo no Céu**

Antiga lenda nos ensina  
que apenas dez animais  
tiveram a permissão de Deus  
para entrar no reino do céu.

A baleia que engoliu o profeta Jonas  
a formiga de Salomão  
o carneiro imolado no lugar  
de Isac, o primogênito de Abraão  
o pássaro de Belquisse  
o camelo do profeta Salê  
a burra de Balaão, o cachorro  
dos sete jovens cristãos adormecidos  
o burro de Maomé  
e a pomba que levou o ramo de oliveira  
à Arca de Noé.

## **Desenho a Nanquim**

Ausência do verde  
nos olhos dos bichos  
que têm sede.

O gemido dos bois  
na tarde finda  
não finda em nós.

O esqueleto das vacas  
rumina a ventania  
à sombra das estacas.

A tarde sangra  
por todas as feridas  
do sol que descamba.

Tudo se ilumina.  
Bailado em chamas  
das aves de rapina.

Sombras de asas negras  
semeiam presságios  
nas telhas das casas.

Os gestos dos homens  
gritos que jorram  
do caule de Deus.

## Canção das Fêmeas

Todas as fêmeas  
são gêmeas  
de Penélope.

Todas as fêmeas guardam  
o ouro da lascívia  
num cântaro.

Todas as fêmeas  
nos velejam  
rumo de Tróia.

Todas as fêmeas  
e seus rios deságuam  
em nossa foz.

Todas as fêmeas  
estão de partida  
para os deltas do orgasmo.

Todas as fêmeas  
são naus de Ulisses  
nas rotas de Circe.

Nem todas as fêmeas  
são ubíquas  
e heterogêneas.

## **Nau da Noite**

A nau da noite avança e seus ruídos  
chegam até mim. São uivos de marés  
chegadas de outro mar. Ou são gemidos  
de afogados boiando no convés

de algum navio onde se fuma ópio?  
Cessa o clamor das súplicas das mães  
dos bandolins calados pelo ócio.  
É madrugada e o latido dos cães

é relva que se alastra pelas ruas  
vazias, pelos muros, pelos corpos  
das moças e as retinas dos espelhos.

A nau da noite, acorrentada às luas  
do purgatório e às vértebras dos mortos  
chega de Tróia e ancora em meus joelhos.

## **Cantiga do Boto**

Foi o boto que te seduziu  
numa noite de lua  
cheia e maremoto.  
Foi o boto.

Foi o boto que te enfeitiçou  
com seu olho tríplice  
de gafanhoto.  
Foi o boto.

Foi o boto que te raptou  
em sua nau de raízes  
para um país remoto.  
Foi o boto.

O boto que te semeou  
com seu pólen de fauno  
e a volúpia de um potro.  
Foi o boto.

Donzela de olhos oblíquos  
filha de pai canhoto.  
Foi o boto que te seduziu.  
Foi o boto.

## **Soneto da Morte Tríplice**

Três homens estão sendo fuzilados.  
Tem os olhos vendados o do meio.  
Com seus fuzis em chamas os soldados  
são jograis de um sinistro devaneio.

Por alguma cilada do destino  
três homens vão morrer de uma só vez.  
Chamam-se Hilario, Arcadio e Marcelino.  
É o mês de abril. Um sábado talvez.

Terão sido pastores? terão sido  
condenados à morte por acharem  
que a liberdade não se curva às leis?

Quando soar o fúnebre alarido  
das vozes soterradas na paisagem  
três homens vão morrer de uma só vez.

## Dialética

Nem todo rio  
deságua na foz.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Semeia o pólen  
dos teus avós.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Clamor de ausências  
em nossa voz.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Vivemos juntos  
e estamos sós.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Eros passeia  
dentro de nós.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Esses moinhos  
e suas mós.  
O homem é lento  
a morte é veloz.

Anjos barrocos  
e rococós.  
Rogai a Deus  
por todos nós.

## **Seios do Paradoxo**

Não basta erguer a fimbria  
das cavalgadas eróticas  
nem ler todos os dias  
as parábolas da lírica.

Não basta sucumbir  
às tentações do abdômen  
não basta achar o poema  
nas esquinas da lua.

Não basta irrigar  
as vinhas do sarcasmo  
não basta dilacerar  
o hímene da metafísica.

Não basta afagar  
os seios do paradoxo.  
Preciso erguer um brinde  
aos pórticos do amor.

Não basta velejar  
nas marés do orgasmo  
não basta deltar o ópio  
nas feridas da vertigem.

Não basta acordar  
e ser seduzido pelas teias  
do cinismo. É preciso  
apalpar o contorno da síntese.

## **Búfalo**

O tempo é um búfalo veloz  
que nos reduz a um punhado de cinzas.  
Somos uma fração de água que se transforma  
num rio de filamentos e artérias.

Navegamos à deriva num mar de rotas extraviadas.  
Deus nos acena do vértice.  
Somos insignificantes e a noite  
é vasta para além dos nossos sentidos.

Não estamos sozinhos no espaço constelado  
de súplicas.  
Algo nos diz que a vida é feita de cumplicidades  
e de presenças.  
Habitamos um planeta assolado pela memória  
das águas do dilúvio.

Estamos a um passo da morte  
acorrentados à placenta da vida.  
A vida é uma cavalgada de éguas no cio.  
Pássaro que vai de encontro à flecha envenenada.

As retinas do mistério nos espreitam.  
Somos naufragos à beira de uma escarpa.  
O vento nos empurra para o vórtice das noites  
e das tempestades. Deus nos acena  
de longe e seus sinais se esfumam nas esferas.

A vida é uma correnteza volátil  
fulguração de velocidades que se evaporam.

A pedra que rolou da montanha do inferno  
e esmagou o fígado de Sísifo.

## **Pulso**

Diante da noite vasta  
vasta aldeia de mendigos  
diante do holocausto  
o pulso bate mais forte.

Diante dos que voltam  
com as mãos vazias  
diante dos que se calam  
o pulso bate mais forte.

Diante dos que vegetam  
no fundo do pântano  
diante dos que protestam  
o pulso bate mais forte.

Diante da terra inútil  
do império do latifúndio  
diante do arame farpado  
o pulso bate mais forte.

Diante dos que foram  
consumidos pelas chamas  
diante do Apocalipse  
o pulso bate mais forte.

## **Projeto de Ressurreição**

Faça o seu projeto de um homem novo.  
Comece por esquecer os dissabores da calvície  
mude de lugar as idéias e as coisas  
que o incomodam.  
Mande às favas a metafísica.

Afugente essa cadela marrom: a solidão  
da geografia do seu quarto.  
Coloque fotografias de mulheres nuas em todas  
as paredes. Elas dissiparão seus pesadelos  
e os levarão em suas caravelas de papel  
para algum lugar remoto do mapa-múndi.

Os espelhos devem ser banidos de sua caverna  
(reminiscências desbotadas pelo vento e pela  
chuva). Durma apenas o tempo necessário para  
descobrir o prodígio que não se vê de olhos abertos.

Adquira um telescópio não para namorar  
as estrelas, mas para fitar de perto a nudez  
que se desenha por trás de suas retinas.  
Num lugar de honra, coloque a escultura  
de bronze de um cavalo árabe de puro sangue.  
Vai precisar dele para cavalgar fantasias e devaneios  
ou desbravar as ladeiras do orgasmo.

Esqueça os crápulas seduzidos pelo poder  
os que trocam a alma por uma ração de ervilhas.  
Eles se vestem a rigor para o ágape  
do cinismo. Dê-lhes as costas e os fuzile  
com uma rajada de vômito.

Em vez de rosas, coloque um ramo  
de gritos na lapela. Fuja dos enterros e  
das ovações fúnebres. Celebre a mulher amada  
com todas as mitologias de seus vícios.  
Percorra o túnel macio do orgasmo.  
Regresse aos umbrais da Mulher, erga uma taça  
às profundezas do seu delta em chamas.

Desconfie de todas as filosofias.  
Volte à concha dos búzios e ao pastoreio  
dos crepúsculos e cabritos. Desista de mudar  
a engrenagem da vida. Seja um homem  
livre da presunção de ser um homem livre.  
Respire a liberdade dos ventos e dos pássaros.  
Seja apenas um fragmento da nau de Ulisses  
que se extraviou nos olhos de Penélope.

## Sósia de Eros

Diante do espelho oval  
a moça, sósia de Eros  
lentamente se depila.  
Poda o seu monte de relvas.

Coloca rímel nos olhos  
gotas de mel nas pestanas.  
A boca, rosa do Cairo  
taça de beijos em chamas.

Escultura de mulher  
a moça resplende nua.  
Diante do espelho os seios  
alçam vôo para a lua.

Refaz a cada momento  
o feitiço dos pincéis.  
Numa concha de cristal  
dardejam brincos e anéis.

Ao redor dos olhos negros  
já flamejam sombras roxas.  
Brisa que vem de Cartago  
desenha augúrios nas coxas.

Adereços e perfumes  
se evaporam nas gavetas.  
Agora a moça celebra  
noivados de borboletas.

## **Pavana para Águeda**

Águeda de ébano  
Águeda de nanquim  
sorriso de marfim.

Águeda na cama  
Águeda no rio  
Águeda no cio.

Águeda na janela  
Águeda no girassol  
gravado em sua pele.

Águeda no espelho  
fustigando os seios  
com seus devaneios.

Águeda na esquina  
da rua, na sua  
nau rumo da lua.

Águeda na chuva  
e no vento, em chamas  
no meu pensamento.

## II

Águeda, ó Águeda  
não é coisa pouca  
a curva barroca  
de tua nádega.

Do teu corpo exala  
essência de ânfora.  
Eu sou tua barca  
tu és minha âncora.

Sou sócia de Ulisses  
quando te velejo.  
Tuas conchas, Águeda  
são conchas do Tejo.

Pórtico das urbes  
do pecado é teu púbis.

## Canção do Índio

Índio não quer espelho  
índio não quer mulata  
índio não quer mentira  
índio não quer gravata.

Índio não quer uísque  
índio não quer charuto  
índio não quer estátua  
índio não bota luto.

Índio gosta de rede  
sombra nas tardes cálidas  
índio só quer estar  
longe dos caras-pálidas.

Índio não quer camisa  
índio não quer sapatos  
índio só quer cachorro  
para espantar Tanatos.

Índio não quer lavoura  
melhor do que mulher  
índio não quer salário  
índio não quer morrer.

Índio não pede esmola  
índio não manda súplica.  
Índio só queria ser  
presidente da República.

## **Brevidade**

Ó vida feita de gestos  
e de secretos acenos.  
Estamos de olhos abertos  
da morte nada sabemos.

Vida que passa e se evola  
entre as vestes dos aflitos.  
Somos o caule do agora  
roçando a fimbria dos mitos.

Vida mais breve que a tarde  
em que Tróia pegou fogo.  
A alma, lavoura amarga  
não faz parte desse jogo.

Vida feita de intervalos  
velozes são teus cavalos.

## Igualdade

Sou um pequeno burguês  
como todos vocês  
já estudei javanês  
como todos vocês  
já fui cretino talvez  
como todos vocês  
já fui vítima das leis  
como todos vocês  
já venci o dragão chinês  
como todos vocês  
já namorei num convés  
como todos vocês  
já fui súdito dos reis  
como todos vocês  
já me embriaguei de xerez  
como todos vocês  
já tive um gato siamês  
como todos vocês  
já morri mais de uma vez  
como todos vocês  
já pernoitei no xadrez  
como todos vocês.

## **Os Brutos**

os brutos também amam  
os brutos também mamam  
os brutos também reclamam

os brutos também choram  
os brutos também namoram  
os brutos também defloram

os brutos também falam  
os brutos também gargalham  
os brutos também exalam

os brutos também semeiam  
os brutos também trapaceiam  
os brutos também odeiam

os brutos também são feios  
poluem as águas dos veios  
e comem os frutos alheios.

## **Sonata da Pedra**

Pedra é placenta cósmica  
plantada em si mesma.

Pedra é coisa órfica  
pórtico da parábola.

Pedra é ritmo do tempo  
binário, concha, augúrio.

Pedra é memória  
dilacerada pelo mito.

Pedra é cio e volúpia  
das cinzas de Gomorra.

Pedra é primórdio  
da palavra e da súplica.

Pedra é relva mítica  
pasto de anjos e deuses.

Pedra é urna onde  
se guarda o adeus.

## **Pássaro**

o pássaro no espaço  
o pássaro no asfalto  
o pássaro no espelho

o pássaro na escarpa  
o pássaro na estepe  
o pássaro a estibordo

o pássaro no exílio  
o pássaro no ventre  
o pássaro no vértice

o pássaro na bússola  
o pássaro na lâmpada  
o pássaro na nuca

o pássaro no tempo  
o pássaro na cúpula  
o pássaro na cúpula

o pássaro no estio  
o pássaro na aurora  
o pássaro na voz.

## Messe dos Aflitos

A luz da tarde é mansa quando chega  
ao velho cemitério da colina.  
O vento é um deus com túnica de seda.  
A ilusão mal começa e já termina.

O tempo aqui cessou. Na terra escura  
moscas azuis no adubo dos cabritos  
que vêm pastar vestígios de luxúria.  
Estranha messe, a messe dos aflitos.

Aqui fenecem nossos pais. Os nossos  
mitos, as nossas sombras prediletas  
nossas juras de amor, versos e úmeros.

Nesse jardim de súplicas e ossos  
dormirão reis, fidalgos e profetas  
reduzidos a vértebras e números.

## Montanha

A montanha é a catedral onze reza o abismo  
o vento passa pela montanha e segue rumo de Tróia  
os pássaros emigram para a montanha e de lá  
regressam com as asas dilaceradas pelos invernos.

Os cedros deitam a cabeça nos ombros da montanha  
as vertentes jorram das vísceras das escarpas  
rebanhos pastam os dias nas encostas e os veios  
tocam flauta para os velozes cavalos da montanha.

A fimbria do entardecer acaricia as águias  
que anoitecem sobre a montanha. A lua entorna  
o seu cálice de ópio nos seios da montanha  
e os arroios vão a passeio pelas aldeias.

As nuvens e as pombas do equinócio passam  
em revoada de núpcias, rumo à vertigem da montanha.  
Só o homem não soletra o verbo de Deus, gravado  
em cada parábola sussurrada pela montanha.

## **Amor de Ausência**

Amar a ausência do amor  
até que se evapore  
do corpo e da memória.

Amar o que é infinito  
no amor, até que ouse  
ser breve e duradouro.

Amar todas as mitologias  
do amor, suas messes  
de súplicas e espelhos.

Amar os paradoxos  
do amor, cada vestígio  
do que nele é exílio.

Amar o tempo do amor  
até que se evapore  
em mito sem memória

## Poema para não Rezar

Vá ao poço provar  
da volúpia da água  
e siga em frente.

Vá à foz dos rios  
e das ruas  
e siga em frente.

Vá ao lugar da súplica  
acenda a candeia  
e siga em frente.

Vá aos bosques da amada  
regar as suas vinhas  
e siga em frente.

Vá às festas do orgasmo  
e às orgias da fúria  
e siga em frente.

Vá erguer o poema  
das cinzas de Tróia  
e siga em frente.

Vá levar um ramo  
de ópio para os gatos  
e siga em frente.

Vá plantar urtigas  
na tumba do rei  
e siga em frente.

Vá dormir à sombra  
das montanhas em flor  
e siga em frente.

Vá colher os frutos  
da árvore da amada  
e siga em frente.

Vá florir ao sol  
duns olhos de topázio  
e siga em frente.

Vá escutar a voz  
de tudo o que se cala  
e siga em frente.

Vá aos campos regar  
amor e centeio  
e siga em frente.

Vá anunciar ao povo  
a morte do déspota  
e siga em frente.

## **Soneto de Jacó**

Jacó era pastor e assim cuidava  
das ovelhas mais férteis de Labão.  
Mas não via as ovelhas; só pensava  
nos seios de Rachel, toda a estação.

Passado certo tempo, chega o dia.  
Porém Jacó, que é noivo de Rachel,  
foi obrigado a se casar com a Lia  
que o destino também lhe foi cruel.

Certo de que na vida tudo é incerto  
em vez de lamentar o desconcerto  
bebe o amargor do cálice de fel.

Depois de avaliar perdas e ganhos  
volta o pastor à guarda dos rebanhos  
ao sol dos olhos negros de Rachel.

## Poema dos Caminhos

Todos os caminhos passam pela aurora  
ou pela diáspora.

Todos os caminhos são rotas de um sonho  
velejado pelos elfos.

Todos os caminhos vão buscar utopias  
nos deltas da memória.

Todos os caminhos sabem tocar flauta  
para os rebanhos.

Todos os caminhos se deitam na relva  
para dormir.

Todos os caminhos vão ao encontro  
das luzes da aldeia.

Todos os caminhos param para florir  
à sombra das árvores.

Todos os caminhos vão esbarrar  
numa encruzilhada.

Todos os caminhos se vestem de negro  
para a travessia dos mortos.

## **Canção do Regresso**

Estamos de partida  
ou de regresso.  
Ninguém sabe se volta  
nas asas do espanto  
ou do verso.

Um mundo de sensações  
floresce à nossa vinda.  
Mas as cornetas de prata  
dos arautos anunciam  
que a nossa hora é finda.

Estamos de partida  
ou de regresso.  
Uma esfinge nos guia  
pelas rotas do espanto  
ou do verso.

## **Partilha da Terra**

*Ao romancista Lustosa da Costa*

No princípio era o verbo  
e o verbo ensinava que a terra era de todos.  
Os nossos ancestrais plantavam sonhos  
trigo, liberdade e centeio.

Depois vieram os senhores feudais  
com seus cabelos postiços  
suas idéias postiças e arbitrárias  
e dividiram a terra em capitánias hereditárias.

Transformaram as capitánias em latifúndios  
e os entregaram a seus descendentes.  
Os pobres foram trabalhar para as elites  
a troco de alforria e vento.

O dia em que a hierarquia dos emplumados  
tomou posse da terra, foi comemorado  
com um grande banquete para a fina flor  
dos degustadores de carne de búfalo.

Entre golfadas de vinho e de retórica  
floreios e arrotos eloqüentes  
decidiram que a terra seria propriedade  
das elites. Para todo o sempre.

## Canção do Bicho Humano

*Para uma foto de Sebastião Salgado,  
publicada na Folha de São Paulo.*

É um bicho da mata  
sem eira nem beira  
seu rosto é um mapa  
de estradas e rugas  
mais largas, mais feias  
que as das tartarugas.

É um bicho sem nome  
sem voz e sem vez  
a terra que ama  
lhe foge dos pés.  
Se vive ou se morre  
é por conta das leis.

É um bicho humano  
nascido de parto  
no corpo e na alma  
espinhos de cacto.  
Não é uma cobra  
não é um lagarto.

É um bicho gerado  
pela injustiça  
pelo sol e o vento  
pela gente ilustre.  
Não é parto de réptil  
nem filho de abutre.

É um bicho explorado  
no tempo da seca  
no tempo das chuvas.  
O rosto desse bicho  
uma escritura arcaica  
de solidão e rugas.

O bicho não tem pele  
tem couro de mamute  
da selva asiática.  
Essa visão dantesca  
nunca viu iogurte  
nunca viu cesta básica.

Tem cara de espantalho  
mas é um bicho expulso  
do banquete farto.  
Não é fruto de aborto  
não é uma cobra  
não é um lagarto.

## Retrato de Mulher

Fera na jaula  
veneno no pêssego  
sangue na encruzilhada

gaivota pousada  
na anca da escarpa  
para alçar vôo

loba parida  
com sete ubres  
que nos seduzem

pulsar do quasar  
odor de chuva  
do cio do pássaro

canção dos rios  
madrigal dos arroios  
flautim dos quintais

faca amolada  
no gume da pedra  
rosa da estepe

vento chegado  
das albas do mar  
cadela no exílio

trigo plantado  
pelos adivinhos  
nos deltas do Nilo

palavra de fogo  
gravada no umbral  
das cem portas de Tebas

sonata de Mozart  
colheita de espigas  
nos campos de Booz

altar dos vícios  
maná dos deuses  
cachimbo de ópio

urna de terracota  
canteiro de antúrios  
pomar dos beduínos

poço das caravanas  
oásis dos reis  
clamor dos chacais

curva do hemisfério  
chuva do equinócio  
favo das estações

alfange do assírio  
égua de puro sangue  
do carro do faraó

abutre vermelho  
roendo as entranhas  
dos muros de Tróia

pórtico do desejo  
taça de luxúria  
volúpia do absinto

gorgeio dos regatos  
gleba semeada  
de girassóis.

## Canção da Oferta

Te ofereço um búzio  
do Mar Morto  
o molde de cristal  
da placenta de Cleópatra.

Te ofereço a lágrima  
de areia do espantalho  
a alba seduzida  
pelas retinas da águia.

Te ofereço a prata dos arroios  
a conjuração da pedra  
o mar acorrentado  
à quilha da nau de Ulisses.

Te ofereço um ramo de fogo  
do pomar da lascívia  
um ramalhete de todas  
as pulsações da vida.

Te ofereço a sobra de lã  
da túnica de Laertes  
tecida por Penélope.

## **Sexo**

o sexo sem  
complexo

o sexo sem nexo  
ou conexo

o sexo anexo  
ao puro reflexo

o sexo côncavo  
ou convexo

o sexo esculpido  
no amplexo

no umbral do sexo'  
o mito genuflexo

o sexo no sax  
do anjo perplexo

o sexo à luz  
do plexo solar.

## **Relatório**

Nasci entre a cavalgada dos rios  
e esqueletos de girassóis.

Cedo escutei o esvoaçar  
da chuva nos beirais.

As sílabas da água e do vento  
nas harpas de arame dos cercados.

Vi as tochas acesas dos mandacarus  
no funeral das reses mortas.

A asa veloz das aves de rapina  
roçar as costelas do sol.

Fui levado ao pastoreio das nuvens  
e dos cabritos tresmalhados.

Velei pela insônia dos rebanhos  
e pelo cio dos touros.

Reguei o canteiro de relva das moças  
e os montes de plantar o centeio.

Nasci entre esqueletos de estios  
e girassóis apagados.

## Hóspede

Sou habitante do espaço  
hóspede do vazio.  
Navego entre o céu e a terra  
entre o mar e um rio.

Sou um grão de poeira  
perdido entre as galáxias.  
Meus olhos são dois hemisférios  
por trás das vidraças.

Sou um átomo esmagado  
no turbilhão das esferas.  
De onde estou vejo os astros  
cavalcando as eras.

Sou uma ficção do tempo  
e de seus ritos precários.  
Os minutos que se soltam  
das folhas dos calendários.

## Poema Caipira

quem tange as cordas da lira  
é caipira  
quem se encolhe ou se estira  
é caipira  
quem ama e suspira  
é caipira  
quem se chama Bartira  
é caipira  
quem se veste de tira  
é caipira  
quem usa anel de safira  
é caipira  
quem devaneia e delira  
é caipira  
quem põe fogo na pira  
é caipira  
quem cheira a mel de jandaíra  
é caipira  
quem acredita no curupira  
é caipira  
quem rasteja ou se admira  
é caipira  
quem se compraz na mentira  
é caipira  
quem range os dentes no dia da ira  
é caipira  
quem beija e não respira  
é caipira  
quem não leu o poeta de Itabira  
é caipira.

## Unanimidade

Todos querem partir  
mas não sabem se voltam  
Todos são mordidos  
pela cadela da insônia  
todos são pusilânimes  
à sombra dos pórticos  
todos investem contra  
as matilhas do instinto  
todos mamam nos peitos  
da loba romana  
todos são degolados  
pela foice da síntese  
todos estão bêbados  
mas se vestem de púrpura  
todos estão mentindo  
com todos os seus caninos  
todos atiram pérolas  
às pocilgas dos cínicos  
todos carecem de aval  
para o juízo final.

## O Pão e a Canção

Uma canção não  
vale o odor de um pão.

não vale uma gota  
de suor na pele rota.

Não vale a insônia  
dos que têm fome.

Não vale o remorso  
do olho que não dorme.

Não vale o olfato  
da volúpia de um gato.

Não vale um gorro  
na calva de um cachorro.

Não vale um bêbedo  
e seu bafo de lêvedo.

Não vale um sapo  
num pântano abstrato.

Uma canção vale  
um pêssego que exala.

## Canção da Tarde

Aconteceu que a tarde veio pela  
encosta dos montes. Tarde tão tarde  
por causa do rubor de sua pele  
que nela já raiava a madrugada.

Era uma tarde mansa qual ovelha  
entardecida. Era uma tarde única  
e fresca: chuva vista da janela  
tecendo em nosso corpo a sua túnica.

Uma tarde que parece manhã  
mas não é tarde nem é cedo ainda  
não são veias do caule nem são brotos.

Uma tarde com seus gestos de lâ  
que me acenavam para a tua vinda:  
murmúrios velejando nos teus olhos.

## II

A tarde vem de manso e cambaleia  
feito um cão que se enrosca nos terraços  
onde os mortos se vestem para a ceia.  
Já nada resta do clamor dos gatos

nas telhas do solar ou da mansarda.  
Só o vento respira. Só o sopro  
de Deus clareia os pórticos da tarde  
onde cada fantasma espera o outro.

Os vestidos das moças vão ao baile  
das ruas. Suas pernas são pilastras  
de papiro esculpidas pelos rios.

A tarde cambaleia no seu caule.  
Mais vastas do que a noite são as vastas  
parábolas de espuma dos navios.

## **História**

Cada pessoa tem uma história  
para contar  
uma solidão para repartir  
com seu vizinho.  
Um pouco de tristeza  
um pouco de vinho.

Cada pessoa tem uma chama  
uma rosa igual à do espantalho  
um segredo que não disse a ninguém  
um menino escondido no peito  
um velocípede quebrado  
na curva do caminho.

Cada pessoa espera de nós  
um aceno de esperança  
um pouco de vinho.

## **Ci-clone**

Dolly, o clone de ovelha  
virou notícia  
no mundo inteiro.  
Todos querem saber  
algo desse prodígio.  
Não se fala em outra coisa  
o mundo está perplexo  
o vaticano perplexo  
todos estamos perplexos  
vagamente eufóricos  
vagamente abestalhados  
diante dessa ovelha mágica  
igual às outras ovelhas  
que bucolicamente nos pastam.  
Dolly, o clone  
de ovelha virou ciclone.

## **Touro**

Era um touro seduzido  
pelas novilhas em vô.  
Tinha a marca na garupa  
do brasão de meu avô.

Era um touro com seu viço  
jeito e pompa de tetrarca.  
(A pele martirizada  
pela nobreza da marca).

Era um touro do zodíaco  
voltado para o equinócio.  
Ruminava o tempo todo  
as pastagens do remorso.

Um touro vindo de Espanha  
boi/ando na própria cauda.  
Talvez da aurora esvaída  
junto de Bernarda Alba.

Um touro fantasmagórico  
(nunca esteve onde se achou).  
Um touro pastando léguas  
no brasão de meu avô.

## Poema Finissecular

O fim do século não tardará.  
Chegará de repente como a vaga  
que derruba as estrelas do céu.

Quantos rios correrão para o mar?  
quantos pássaros farão seus ninhos  
na rocha esmagada pelas ondas?

Quantas horas soarão no relógio  
de areia até a chegada do arauto  
com seu punhal de sangue nas mãos?

Quantos peixes comerão os dias  
nossas palavras e nossas metáforas  
as manhãs e a memória dos homens?

Quando chegar o fim do século  
cuidarei de brindar aos amigos  
sob o último luar da centúria.

Não me embriagarei nem direi  
adeus às namoradas antigas  
nem farei planos para o futuro.

Quando chegar o fim do século  
estarei provavelmente dormindo  
sob o derradeiro luar da centúria.

## Flor do Caos

Só o amor nos redime  
    dos nossos limites  
só o amor desabrocha  
    em nosso caule  
só o amor adivinha  
    a flor do caos  
só o amor nos apunhala  
    com seus hieróglifos  
só o amor nos arrebatava  
    em seu hipogrifo  
só o amor nos dessedenta  
    em seu bosque de chamas  
só o amor nos ensina  
    a sintaxe do êxtase  
só o amor nos liberta  
    da infância amordaçada.

## O Poeta Vai à Fazenda

O poeta José Alcides Pinto  
vai à fazenda  
rever o gado e as ovelhas  
as nuvens pousadas no dorso do rio Acaraú  
a revoada dos peixes migradores  
o olhar sentimental das vacas paridas  
e os verdes abutres da colina.

O poeta vai à fazenda  
seguido pelos olhos de um pássaro  
chamado Jamaica  
leva poemas e mitologias nos bolsos  
rascunhos de madrigais para as namoradas  
promessa de chuva para as galinhas  
miçangas e conchas dos veios  
para as donzelas de mais lindos seios.

O poeta vai à fazenda  
montado em seu cavalo alazão  
leva notícias do vento e da aurora  
da rebelião dos mendigos que foram argonautas  
da ovelha que não foi parida no redil  
do naufrágio do Titanic  
da reconstrução dos muros de Tebas  
do regresso de Ulisses aos seios de Penélope.

O poeta vai à fazenda  
onde o avô João Pinto de Maria  
plantou os esteios  
de sua lenda.

## Soneto ao vigia da tarde

*Ao poeta Ascendino Leite*

Chega a velhice dos confins do tempo,  
nas mãos espreme os frutos da vertigem.  
Ficaram longe os dias coroados  
pelo fulgor do sangue e dos racimos.

Ao céu erguemos nosso olhar aflito.  
Na esfera vasta não se escuta a voz  
dos mortos. Somos súditos da terra,  
constelada de sonhos e de tumbas.

A hora descendente roça a fimbria  
dos campos e a ternura dos rebanhos  
guardados pela flauta de uma deusa

que tem odor de relva e eternidade.  
Nossos gestos e as cinzas da centúria  
são devaneios de um Jardim Marítimo.

## Elogio da Beleza

A beleza da vida  
está em todas as partes.  
Nas moças que nos seduzem  
com seu bailado de elfos.

Está na chuva e no vento  
na dinastia das árvores  
no rumor e no silêncio  
está no fogo e na água.

Nos olhos da namorada  
nos seios que ainda arrulham  
no vértice das coxas  
nas orquídeas do êxtase.

Está nos brotos das vinhas  
nos seus cachos maduros  
na flauta que tange os pássaros  
para a concha das noites.

Nos retratos que perderam  
a memória, nos espelhos  
que celebram o odor  
de vinho da nudez.

A beleza da vida  
está em todas as partes.  
Menos nos olhos dos que têm fome.

## Barca

barca de vento  
barca de areia  
barca repleta  
mas não está cheia.

barca de pedra  
barca de foices  
barca que ancora  
todas as noites.

barca dos pobres  
barca dos ricos  
barca dos que sabem  
todos os ritos.

barca de espavento  
barca sem vela  
barca que segue  
os raios da estrela.

barca que afunda  
nas águas do pântano  
barca adernada  
pelos relâmpagos.

ó barca do Sul  
ó barca do Norte  
cessai de navegar  
nos rios da morte.

## Poema das Mutações

as aves mudam de pena  
o peixe muda de escama  
a pedra muda de cor  
o amor muda de cama.

o padre muda de igreja  
a messe muda de rama  
a nuvem muda de forma  
o amor muda de cama.

o mito muda de nome  
a teia muda de trama  
o barco muda de vela  
o amor muda de cama.

o rio muda de leito  
o homem muda de fama  
o verso muda de rima  
o amor muda de cama.

o morto muda de roupa  
o sexo muda de chama  
as moças mudam de seios  
o amor muda de cama.

## Poemas Inominados

O mundo que nos rodeia não  
é visitado pelas nossas retinas  
nem acariciado pelos nossos sentidos.

Os objetos flutuam na escuridão  
do quarto: são bolhas de vento  
que se evaporam ao sopro do hábito.

Nossas reminiscências de hóspedes  
apodreceram dentro das cisternas  
à espera do momento da ressurreição.

Já não somos convidados para a ceia.  
Os violinos já não roçam a fimbria  
das utopias das velhas dançarinas.

Brindemos ao mundo que nos rodeia:  
muralha de pedras cancerosas  
prestes a ruir sob os olhos de Deus.

## II

Com a morte rompe-se o vínculo  
do sonho que nos embriaga.  
Cessam com a morte todas as mitologias  
do amor. E tudo se cala.

Com a morte o espírito regressa  
à clamorosa alba dos espelhos.  
Volta-se à dinastia das sombras  
e ao velejar das negras caravelas.

Com a morte se desfaz o círculo  
de fogo que circunda o teu sonho.  
Com a morte se vai pela margem  
onde nos espera o barqueiro insone.

Com a morte o teu rosto se apaga  
e volta à reminiscência da pedra.  
Com a morte os olhos de Deus  
estão acordados à nossa espera.

### III

O salmo do vento nas folhas da samambaia  
a palpitação dos ninhos e dos pássaros  
recém-chegados das núpcias do mar.

A sinfonia das águas e dos pântanos  
a misteriosa linguagem das pedras  
a fala e a voz do que não se vê.

O sussurro das fontes acordadas  
o rumor e a súplica das frondes  
o cântico das harpas das raízes.

O madrigal das luas nos quintais  
o clamor dos rios fulminados pelo raio  
o clarim dos galos da aurora:

tudo nos diz que não estamos sozinhos  
que a presença convive conosco  
como os séculos no caule do cedro.

#### IV

Não acredite em tudo  
o que lhe disserem  
duvide sempre  
que não for possível.

Deixe a vida correr  
égua no cio.  
Se tiver de chorar  
não imite o rio.

Converse com as pedras  
e aprenda com os bichos  
que o amor sem remorsos  
é o melhor dos vícios.

#### V

Não ande a galope  
em seus devaneios

não semeie seu pólen  
à sombra dos outros

não ancore seu barco  
à beira da escarpa

não espere que o tempo  
escute sua voz

não vá a passeio  
pela última vez

não passe pela porta  
com a trave no olho

não se vista de espantalho  
de rei nem de vassalo

não se dilacere pelo  
amor. Não vá ao banquete

do orgasmo com tanta  
sede ao pote. Não visite

o poema. Espere pela  
sua vinda. O pássaro espera

pela chuva para arder  
às chamas do seu cântico.

## Cumplicidade

Caminho pelas ruas  
fiel ao magnetismo das pessoas  
e ao vento que levanta  
a barra dos vestidos das moças.

Na esquina o vendedor  
de pipocas distribui  
galanteios e sorrisos  
para namoradas hipotéticas.

Vendedores ambulantes  
profetas e adivinhos  
mascates com suas túnicas  
cravejadas de jóias falsas.

Pequenos e grandes ladrões  
que nos ameaçam com  
seus canivetes e punhais  
de brilhos inoxidáveis:

todos são nossos cúmplices  
habitam o mesmo planeta  
a mesma órbita solar  
e querem ser felizes.

## Canção dos Excluídos

Onde sopra o vento  
mas não jorra água  
onde os rios correm  
de volta ao passado:  
estou de vosso lado.

Onde cresce o milho  
(seu pendão dourado)  
onde a messe é verde  
mas o fruto é amargo:  
estou de vosso lado.

Onde sobram léguas  
dentro dos cercados  
onde chove sangue  
pelos descampados:  
estou de vosso lado.

Onde a nuvem magra  
não molha o roçado  
onde a fome espreita  
rostos de espantalho:  
estou de vosso lado.

Onde os rios secam  
onde morre o gado  
onde os velhos sonham  
com celeiro farto:  
estou de vosso lado.

Onde o arame é lei  
contra o deserdado  
onde plantam soja  
fuzil de soldado:  
estou de vosso lado.

Onde o fogo expulsa  
herdeiros do barro  
onde tudo falta  
menos desamparo:  
estou de vosso lado.

Onde a noite estende  
seu manto de asfalto  
e só se ouve o grito  
do instinto acordado:  
estou de vosso lado.

Onde o capataz  
passeia a cavalo  
despertando a ira  
dos antepassados:  
estou de vosso lado.

Onde impera a lei  
do arame farpado  
onde só ressoam  
tiros de espingarda:  
estou de vosso lado.

## Terra

a terra é nossa mãe  
a terra é nosso pai  
a terra é nossa casa  
a terra é nossa voz

a terra é nossa mãe  
tem compaixão de nós.

a terra é nossa foice  
a terra é nosso arado  
a terra é nossa infância  
a terra é nosso gado

a terra é nossa mãe  
e está do nosso lado.

a terra é nosso corpo  
a terra é nossa alma  
a terra é nossa vida  
a terra é nossa lavra

a terra é nossa mãe  
o ventre que nos guarda.

a terra é nossa vinha  
a terra é nossa árvore  
a terra é nossa loba  
uivando na memória

a terra é nossa mãe  
raptada pela aurora.

a terra é nossa fala  
a terra é nosso exílio  
a terra é nossa lenda  
a terra é nossa foz

a terra é nossa mãe  
tem compaixão de nós.

## Dez Estudos Sobre o Amor

### I

Tudo é breve  
e límpido no amor.  
Tudo se ilumina  
quando a ceia da carne  
celebra o instinto.  
Tudo se cala  
quando o corpo  
liberto dos extremos  
começa o seu bailado  
de gestos e de acenos.

### II

O amor é uma alvorada  
de girassóis.  
Uma chama  
que gorjeia no corpo  
de quem ama.  
O amor é uma rosa  
que se masturba no caule.  
Fimbria que se dobra  
ao duro cristal  
do cio da cobra.

### III

O amor é o sexto  
sentido do corpo.  
O vértice da rosa  
e do seu fanal.  
Pedra de amolar  
a fúria do punhal.  
O mito que jorra  
da cicatriz de veludo  
que nos tem seduzido  
desde o dilúvio.

### IV

O amor é um rio  
a caminho da foz.  
Uma pedra voltada  
para as sete  
portas de areia da alba.  
O amor é um vestígio  
de fogo na alma do  
homem. Uma ferida  
aberta no abdômen.  
Um pássaro seduzido  
pelos olhos das naus.

## V

O amor é uma viagem  
pelas rotas  
do corpo e da vertigem.  
Uma viagem pelos  
declives do êxtase, pelas  
relvas da infância  
e da quietude. Uma  
viagem aos pórticos  
de Tebas, onde  
Anfion nos ressuscita  
com a sua flauta.

## VI

O amor é um campo  
semeado de pólen.  
Uma nau de cedro  
e linho ancorada  
na volúpia do faraó.  
Uma égua no cio  
entre as raízes da água  
e as fogueiras do rio.

## VII

O amor é um elo  
da grande cadeia  
que liga as galáxias  
aos fios da teia.

## VIII

O amor é a asa  
partida da ânfora  
O ópio da insônia  
o visgo da âncora.

O amor é a fonte  
que nunca se exaure.  
Uma rosa de areia  
que se masturba no caule.

## IX

O amor é a rosa  
do pântano  
a dança da aurora  
nas trevas do pórtico.  
O vôo das galáxias  
para as núpcias de Deus.

## X

O amor é a túnica  
do arauto, a fimbria  
das horas em chamas.  
O luar de salitre  
que pranteia os sapatos  
das dançarinas mortas.

## XI

Tudo é breve  
e límpido no amor.  
Tudo são reminiscências  
de gestos dilacerados.  
Tudo repousa nos  
meridianos do êxtase.  
Tudo nos convida  
ao banquete da síntese.  
Tudo é relva à sombra  
da nudez.  
Rosa de areia que  
se masturba no caule.

## **Luar das Palavras**

*Ao poeta Artur Eduardo Benevid*

Todas as palavras têm o seu luar  
louco albatroz de frente para o mar.

Todas as palavras brotam do caos  
e ancoram perto do redil das naus.

Todas as palavras têm o seu fanal  
flecha de luz rumo do Santo Graal.

Todas as palavras vão-se mirar  
nas águas da cisterna ou do alquidar.

Todas as palavras têm o seu fulgor  
de pomba que emigrasse para o amor.

Todas as palavras têm o seu colar  
seu tempo de esquecer e de lembrar.

Todas as palavras hão-de florir  
no instante de chegar e de partir.

Todas as palavras têm o seu luar  
esfinge azul de costas para o mar.

## **Segunda Parte**

### **Pastoral de Minas**

Não imaginem os desavisados que este poema seja uma tentativa de voltar aos tempos e à prática da poesia bucólica dos árcades. O que seria, sem sombra de dúvida, manifesto sintoma de alienação ou, se quiserem, de anacronismo patológico. O autor pretendeu, apenas, exercitar seu permanente fascínio pelo dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, coisas que não constituem privilégio exclusivo de determinadas escolas literárias ou de certos procedimentos estéticos. Está convencido de que o domínio da plutocracia não se combate com odes nem com ódios, mas com a pregação sistemática da idéia de que todos os homens nasceram para conquistar a liberdade e o direito de serem felizes.

**Para:**  
*Cícero Acaiaba*  
*Marta Gonçalves*  
*Paschoal Mota*  
*Yeda Prates Bernis*  
*Ymah Thères*



Um doído silêncio/de olhos fechados.

*Hamilton Monteiro.*

As tardes se acumulam no dorso dos girassóis.

*Hildeberto Barbosa Filho.*

Ainda que tranquem o nosso quarto, e apaguem a luz/o sol  
existe.

*Horácio Dídimo.*

Percorri tantas eternidades/que ainda sinto vertigens.

*Iranildo Sampaio.*

Chegou perto/como passarinho pousado/em meu exílio.

*Ireleno Benevides.*

... que abaixo da água fria, sob os musgos,/há vestígios de  
extintas primaveras.

*Jaci Bezerra.*

Somos el río y somos aquel griego que se mira en el río.

*Jorge Luís Borges.*

Das águas do cisne\o rumor decepado.

*Jorge Tufic.*

Pois tudo dentro de mim é silêncio branco.

*José Alcides Pinto.*

Noite, silente noite, perfumada noite vã.

*José Hélder de Sousa.*

Seja o olho de Deus como o da cobra:/Uma fenda de escamas  
uma pedra.

*José Saramago.*

A mão incerta/deixa na rósea/carne dormida/o gesto equívoco.

*Lêdo Ivo.*

O riso os ventos foram devastando.

*Linhares Filho.*

Terra que viu descer o sol da morte/sobre a geometria das  
ossadas.

*Luciano Maia.*

Os irados amarelos de Van Gogh/enlouquem o sol.

*Luís Carlos Guimarães.*



## Canto I

Não basta amor, não basta a sua glória  
para apagar dos olhos dos mortais  
a dor do esquecimento sem memória.

Indiferentes ao rumor dos anos,  
vamos carpindo mágoas, incertezas  
por desígnios dos deuses soberanos.

Somos filhos, Marília, do dilúvio.  
Nossas vestes de areia estão manchadas  
pelas nódoas da morte e da luxúria.

No coração da pedra desenhamos  
nossas visões e mitos prediletos.  
Somos pasto da astúcia dos tiranos.

Habitamos a concha do planeta  
banhada pelas chuvas do hemisfério  
onde a aurora dos anjos se projeta.

Convivemos com a insídia e suas tramas  
e o resplendor das aves de rapina  
que o céu semeiam de velozes chamas.

Somos heróis e pasto de gangrenas.  
Mas por amor, Marília, nossas mãos  
são lavouras de afagos e poemas.

## Canto II

Fosse eu, Marília, algum pastor amado,  
minha flauta estaria celebrando  
teus rebanhos de ovelhas e o teu gado.

Em constantes e amenos pastoreios,  
levaria o rebanho dos meus sonhos  
para os vales e montes dos teus seios.

Lá onde arrulham sonolentas pombas  
e os arrios flamejam, noite e dia,  
velados pelos súditos das sombras.

Te pergunto, Marília, quem não teve  
penas de amor, receios e cuidados  
nesses remansos onde tudo é breve?

Somos heróis de efêmeras pelejas  
nessas estradas do horizonte aberto  
circundado de pórticos de igrejas.

Verás que os dias jorram das retinas  
dos pastores e da lã dos rebanhos  
e vêm dormir no topo das colinas.

Verás que o amor, esquivo espadachim,  
visitará teu sonho enquanto dormes  
e teus olhos repousam sobre mim.

### Canto III

Eu falarei de amor tão docemente  
que os mortos voltarão de suas tumbas  
despojados da túnica indecente.

Que os olhos inconsúteis dos meninos  
acordarão na concha dos lençóis  
e haverá luz nas veias dos racimos.

Eu falarei de amor tão docemente  
que o mais triste dos músicos da aurora  
virá cantar, Marília, em tua frente.

Que a relva dos caminhos percorridos  
há-de roçar a fimbria de veludo  
dos teus cismares e dos teus vestidos.

Eu falarei de amor com tal certeza  
que saberás que o amor vence a razão,  
o mais alto dos dons da Natureza.

Que eu possa amar-te todos esses anos  
sem que os nossos haveres se evaporem  
e a má fortuna aumente os nossos danos.

Eu falarei de amor com tal saber  
que os lábios não se neguem de louvar-te  
e os olhos não se cansem de te ver.

*O primeiro verso deste poema, encontrado em outros textos deste livro, é uma variante do verso de Camões "Eu cantarei de amor tão docemente".*

## Canto IV

Quando o sol se levanta, eu me levanto  
para cuidar, Marília, das ovelhas,  
pois tudo o mais que é teu tem teu encanto.

Ninguém mais venturoso que o pastor  
que apascenta rebanhos e cuidados  
e nem lhe falta ensejo para o amor.

Enquanto fias, ó Marília, e coses,  
a vida passa num tropel medonho  
de cavalgadas rápidas, velozes.

Vejo as sábias abelhas nas colméias  
e as invejo, Marília, pela argúcia  
e por não terem sonhos nem idéias.

O ouro têm do mel, melhor que os ouros  
com que se enfeita a túnica dos sábios  
que irão reinar nos séculos vindouros.

Não quero ser a sombra do espantalho  
que afugenta os pardais, mas a lavoura  
dourada pelos frutos do trabalho.

Verás, Marília, perto dos cercados,  
teus rebanhos pastando a doce relva  
por olhos invejosos contemplados.

## Canto V

Sem pretender ferir os teus recatos,  
te convido a um passeio pelos campos  
onde as flores se espelham nos regatos.

As abelhas passeiam nas corolas,  
as juritis arrulham tristemente  
como essas aves presas nas gaiolas.

Há flores rubras junto ao rude espinho  
e essas flores, Marília, me recordam  
o rubor dos teus lábios cor de vinho.

Ao sol de abril, volúveis jitiranas,  
abraçadas aos galhos da floresta,  
roçam de leve as velhas imburanas.

Nas entranhas das pedras os lagartos  
se protegem dos raios e contemplam  
o entardecer que desce dos planaltos.

Sob o dossel das árvores mais altas,  
os arroios são sócias de pastores  
tão doce a voz que sai de suas flautas.

Em meio à Natureza tudo é lindo:  
as ervas da planície estão brolhando  
e os cedros da montanha estão florindo.

## Canto VI

Amor que não se esfuma e deixa marca  
vale mais, ó Marília, que o tesouro  
guardado nas entranhas de um monarca.

Amor fugaz é vento repentino  
que derruba os racimos do pomar  
e os cabelos do exausto paladino.

Por isso não me canso de dizer-te:  
as mágoas e tristezas de quem ama  
não há sábio no mundo que as conserte.

Recompensa de amor às vezes tarda.  
Se não se esconde dentro dos palácios  
vai germinar à sombra da mansarda.

Não basta consultar os adivinhos  
nem contar teu destino às cartomantes.  
Rosas, Marília, todas têm espinhos.

Quando se igualam duas naturezas,  
nada existe, Marília, que as separe  
senão que a mando ou súplica dos deuses.

Todas as glebas que o horizonte abarca,  
minha vida e meus sonhos te pertencem,  
os rebanhos e engenhos da comarca.

## Canto VII

Ao sol dos anos sempre estive exposto.  
Se não me dás a guarda dos rebanhos,  
eu morrerei, Marília, de desgosto.

Eu sou pastor, Marília, por agrado.  
Para estar sempre dentro dos teus olhos  
e para ser por eles contemplado.

Do teu perfil jorra uma luz intensa.  
Teus altos dons afagam meu orgulho.  
Não desejo mais alta recompensa.

Quando eu voltar da alba dos aflitos,  
começarei de novo o pastoreio  
dos teus cismares e dos teus cabritos.

Quando a chuva cair por esses prados  
e os rios despejarem seus detritos  
pelos vales e pelos descampados.

Quando no céu a estrela vespertina  
disser adeus à tua formosura  
de estátua grega ou deusa florentina,

eu falarei de amor tão docemente  
que os vassalos do abismo gostariam  
que tudo o mais cessasse de repente.

## Canto VIII

Marília, respeitemos os acordos.  
Tu me amarás por toda a nossa vida  
e eu cuidarei dos teus novinhos gordos.

Novo Jacó, eu te serei fiel.  
Mas rogo a Deus que nunca me aconteça  
a pena imposta ao noivo de Rachel.

Penas de amor o tempo não apaga.  
Te ofereço, Marília, odes singelas.  
Não faço versos como os fez Gonzaga.

Mas falarei de amor tão docemente  
que lembrarás, com pálpebras molhadas,  
os madrigais do bardo inconfidente.

Perto de ti estão meus pensamentos,  
meus cuidados e insônias de pastor  
contra a fúria brutal dos elementos.

Te darei meus cansaços e fadigas,  
cuidarei dos rebanhos e das messes  
e teus celeiros se encherão de espigas.

Te falarei de amor com tal empenho  
que não se saiba a hora da partida  
nem a terra encantada de onde venho.

## Canto IX

Onde pastam cordeiros, pastam bodes.  
Os touros e as novilhas também amam  
e por isso merecem nossas odes.

Eu falarei de amor tão docemente  
que os cegos hão-de ver o que não viam  
e os peixes nadarão contra a corrente.

O bom pastor se orgulha do que faz.  
Nunca vi tanto gado arder no cio,  
tantas vacas paridas nos currais.

Um grande amor, Marília, não se ocupa  
somente de bordados e de rendas.  
Um grande amor floresce em plena luta.

Cuidarei dos cercados, das estacas,  
da engorda dos novinhos da fazenda,  
do olhar propício às súplicas das vacas.

Meus olhos velarão por teu destino,  
pelos brincos azuis, pela faiança  
e os vestidos de insigne figurino.

Enquanto teu pastor cuida de tudo,  
tu sonharás em leito de cristal  
e acordarás em rede de veludo.

## Canto X

Marília de Dirceu, tu és aquela  
gaivota azul que vem da tempestade  
e vai pousar nos raios de uma estrela.

Tu és a Musa dos jograis de Minas.  
Réstia de sol nos vidros das janelas,  
noiva de abril sonhada nas esquinas.

Rosa da Arcádia, ó flor da Inconfidência.  
Do teu corpo jorraram madrigais  
que ainda arrulham pela tua ausência.

Teus passos e teus gestos de pastora  
ressoam nos umbrais de Vila Rica  
e a fimbria dos vestidos, sedutora.

Eu te sigo, ó Marília, pelos campos  
onde, outrora, colhias madressilvas  
para realce maior dos teus encantos.

Quando as chuvas banharem nossos prados  
e o malmequer de flores amarelas  
tecer grinaldas para os seus noivados,

eu falarei de amor com tal saber  
que os lábios não se neguem de louvar-te  
e os olhos não se cansem de te ver.

## Canto XI

Marília bela  
do Norte estrela.  
Melhor não tê-la  
do que perdê-la.

Marília anda  
na branca aldeia  
parece a chama  
de uma candeia.

Marília afaga  
seus cordeirinhos  
e apanha rosas  
entre os espinhos.

Marília colhe  
cachos de uva  
quer sopra o vento  
quer venha a chuva.

Ela se move  
com tal leveza  
igual à nuvem  
na correnteza.

Seus pés descalços  
senhor Alferes  
pousam de leve  
nos malmequeres.

As mãos de linho  
são pombas vivas  
quando repousam  
nas madressilvas.

## Canto XII

Marília volta  
para as colinas  
mas não demora  
longe de Minas.

Seus passos firmes  
deixam na relva  
a marca e a forma  
da argila eterna.

(O amor é chama  
na vida breve.  
De amor não sabe  
quem nunca o teve).

Marília às vezes  
sonha acordada  
vendo os rebanhos  
de lã dourada.

Veste à tardinha  
blusa vermelha  
feita de fios  
de lã de ovelha.

Aves gorjeiam  
a qualquer hora  
na casa branca  
onde ela mora.

A casa fica  
perto de um lago  
onde se mira  
certo fidalgo.

## Canto XIII

Quando ela passa  
rumo da vila  
tudo é perfume  
de buganvília.

Manhã cedinho  
vai ela à fonte  
contar segredos  
que a ninguém conta.

Contar segredos  
às águas claras  
onde há cardumes  
de conchas raras.

A fonte escuta  
tão doce voz  
e sai cantando  
rumo da foz.

Uma aura mística  
em seu semblante  
como se fora  
musa de Dante.

Se o florentino  
tiver juízo  
porá Marília  
no Paraíso.

Marília bela  
do Norte estrela.  
Melhor não tê-la  
do que perdê-la.

## Canto XIV

Cantores da aurora  
ó conchas dos rios  
que passam por Minas.  
Celebrai Marília  
brisas vespertinas.

Celebrai a dona  
de lindos borregos  
ó chuvas do estio.  
Celebrai Marília  
o seu corpo esguio.

Pastores, pastoras  
que andais pelos montes  
com vossas ovelhas.  
Cantai quem se veste  
de rosas vermelhas.

Sinos de Vila Rica  
ó bronzes del Rei  
sois taças de sons.  
Celebrai Marília  
e seus altos dons.

Papoulas azuis  
dos campos de Minas  
regatos e veios.  
Celebrai a dona  
de tão lindos seios.

Celebrai aquela  
que os mortais invejam  
quando ela passeia  
ou quando regressa  
às luzes da aldeia.

Fontes que escutais  
as harpas da noite  
e a voz dos rebanhos.  
Louvai Dorotéia  
a de olhos castanhos.

Cordeirinhos brancos  
de onduladas lãs.  
Eixos e roldanas  
celebrai a infanta  
de longas pestanas.

Celebrai Marília  
montes e planícies  
cactos dos rochedos.  
Confiai a ela  
os vossos segredos.

Telhas das mansardas  
onde os gastos amam  
em noites de orvalho.  
Louvai Dorotéia  
lábios do espantalho.

Águas que correis  
para o mar salgado.  
Celebrai quem teve  
os olhos ungidos  
pelo pranto amargo.

Racimos das vides  
cedros das montanhas  
mais altas de Minas.  
Celebrai Marília  
brisas vespertinas.

## Canto XV

Ó Maria Dorotéia  
princesa de Vila Rica.  
Te amarei com tal fervor  
que em Minas não se conheça  
quem tivesse igual amor.

Ó pastora de rebanhos.  
Tomás Antônio Gonzaga  
esse bardo sedutor  
tudo conhece das leis  
mas nada sabe do amor.

Ficaste, ó bela Marília,  
visitada pelo vento  
e seu volúvel rumor.  
Mas não perdeste o fascínio  
no eterno jogo do amor.

Já não te invejam, Marília,  
nem teus vestidos de renda  
cheirando a pólen de flor.  
O teu corpo de menina  
já foi morada do amor.

Vila Rica, as andorinhas  
emigraram para o estio  
à procura de calor.  
Mas as penas dessas aves  
não são iguais às do amor.

As planícies estão secas  
mas o pranto dos teus olhos  
é orvalho fecundador.  
Marília, ó doce Marília,  
onde os gorjeios do amor?

Onde as aves que trinavam  
perto de tua janela  
namorada do Ouvidor?  
Onde a chama da candeia  
fitando os olhos do amor?

Onde as luzes dos cristais  
na grande sala que ardia  
aos raios do teu fulgor?  
Onde a estrela vespertina  
a confidente do amor?

Ó dona dos meus rebanhos  
onde quer que o vento sopra  
cantará em teu louvor.  
Ditoso aquele que rega  
as vinhas do teu amor.

As madrugadas de Minas  
e as romãs do meu pomar  
sei que invejam o teu rubor.  
Os teus olhos me cravaram  
as sete flechas do amor.

Ó Maria Dorotéia  
os jograis da Inconfidência  
não te fizeram favor.  
Os versos que te celebram  
são alvoradas do amor.

Podem os anos passar  
rumo à noite das esferas  
onde adormece o condor.  
Jamais serás esquecida  
pelos súditos do amor.

## Canto XVI

Marília vai à fonte  
    onde mergulha o rosto.  
Peixinhos cor-de-rosa  
    passeiam na água clara  
onde não há vestígios  
    nem sombra de desgosto.

Cigarras devaneiam  
    por toda a Vila Rica.  
O sol jorra nas pedras  
    onde germina a vida.  
Chega de longe o adágio  
    das águas de uma bica.

Marília ainda flutua  
    dentro da correnteza.  
Grinaldas de raízes  
    circundam-lhe a cabeça.  
Peixinhos cor de prata  
    vêm ver que deusa é essa.

Cantai águas da fonte  
    que a infanta está no banho  
liberta dos vestidos  
    distante dos rebanhos.  
Os olhos tem fechados  
    mas sei que são castanhos.

Parece que Marília  
    mergulha de uma vez  
nas águas mais profundas  
    das ondas da nudez.  
Ao Ouvidor só resta  
    urdir o arдил das leis.

Cigarras ainda cantam  
    essas noivas do estio.  
Marília, o vento sopra  
    da aurora para o rio.  
E o punhal desse vento  
    te leva ao desvario.

Cigarras ainda cantam.  
    Verdes estão os prados  
onde os rebanhos pastam  
    entre pendões dourados.  
Marília, só teus olhos  
    estão desconsolados.

Sete garças flutuam  
    nos remansos dos lagos.  
O vento ainda semeia,  
    Marília, os teus cuidados.  
Por isso que os teus seios  
    são cisnes separados.

O sino ainda soluça  
    na aldeia dos finados.  
Os potros ainda correm  
    e saltam nos cercados.  
Marília, só teus olhos  
    são pássaros molhados.

Ela já não flutua  
    na límpida corrente.  
Já não recorda os versos  
    do bardo inconfidente.  
Que amor, quando fenece,  
    adeus, ó cinza ardente.

## Canto XVII

Marília, segundo a lenda,  
até os cisnes invejam  
os teus vestidos de renda.

Até a espuma das ondas  
sabe de cor que teus seios  
são irmãos gêmeos das pombas.

Blusas e anáguas que vestes,  
colares de pedras raras,  
teus anéis e braceletes.

Tudo, Marília, é razão  
para que eu sempre te exalte  
no soneto ou na canção.

Não são motivos pequenos,  
não são motivos de sobra  
nem são motivos de menos.

Nem os suores da febre  
impedem que eu te namore,  
se importam que eu te celebre.

Nem o cristal dos racimos  
tem o fulgor dos teus olhos  
e dos olhos dos meninos.

## Canto XVIII

Meu calvário já tive, e foi o lenho  
da ausência que magoa e dilacera.  
Já te amei com fervor e nobre empenho,  
fosse inverno gelado ou primavera.

Quantas vezes meus olhos acordados  
viram teus olhos seduzindo a aurora  
enquanto as pombas vinham dos telhados  
e afagavam teus seios de pastora.

Mas o acaso, Marília, não nos poupa.  
Um grande amor sucumbe a coisa pouca.  
Nada, embaixo do sol, que não se explique.

Não culpemos, Marília, os negros fados.  
Cessem de vez pesares e cuidados  
que a noite vem caindo em Moçambique.

## Canto XIX

Recordo, aqui, as horas de ventura  
que passamos na ingênua Vila Rica.  
Celebrei teu destino, a formosura  
e os altos dons que Vênus te dedica.

O amor que tive, o amor que me tiveste,  
nos momentos de enleio ou de fadigas,  
e os teus vestidos de perfume agreste,  
tudo acabou em sórdidas intrigas.

Nas horas mais sombrias do degredo,  
penso em teu vulto à sombra do arvoredo  
testemunhando as núpcias das raízes.

Não há chama de amor que eu não celebre.  
É noite em Moçambique e estou com febre,  
o estigma dos amantes infelizes.

## Canto XX

Um vendaval de léguas e de espumas  
nos deixa para sempre separados,  
como dois cisnes de azuladas plumas  
fossem nadar em diferentes lagos.

Recordações de amor duram semanas.  
Nada, porém, que o vento não disperse  
na voragem das noites africanas,  
nos turbilhões de fogo do universo.

Separados no espaço e pela idéia,  
somos iguais à chama da candeia  
que antes brilhava e agora vai morrer.

Eu falarei de amor por toda parte.  
Meus lábios não se neguem de louvar-te,  
meus olhos não se cansem de te ver.



**Terceira Parte**  
**Rastros da Parábola**

***Para:***  
*Ascendino Leite*  
*Gerardo Mello Mourão*  
*Gilberto Mendonça Teles*  
*Horácio Dídimo*  
*José Maia*  
*Linhares Filho*



s rios começam a dormir pela orla.

*Manoel de Barros.*

assaros livres respiram nuvens nas manhãs.

*Márcio Catunda.*

etrás de paredes altas/ondulam medos e ânsias.

*Marly Vasconcelos.*

resce o olho amarelo das mulheres vestidas de negro.

*Marta Gonçalves.*

estes velhos são um ramo de sóis apagados.

*Octavio Paz.*

a uva se alimenta de la luz/el vino nace de los pies del pueblo.

*Pablo Neruda.*

mo que não celebremos o erro certo/o incerto acerto que  
cemos.

*Pedro Henrique Saraiva Leão.*

unca me descobrirás./Não figuro em mapas/geográficos.

*Regine Limaverde.*

a que buscas um sonho e não o alcanças,/pastor de enga-  
os, cala a tua avena.

*Sânzio de Azevedo.*

s águas em minha terra são efêmeras parideiras.

*Soares Feitosa.*

nega ao meu rosto, feito forte beijo,/o cheiro forte do seu  
asto rio.

*Virgílio Maia.*

nterrei meu canarinho/junto á roseira./Agora, a primeira rosa/  
ai amanhecer/cantando.

*Yeda Prates Bernis.*

orte, verdugo do tempo, soluço e vertigem, domado mistério.

*Ymah Thères.*



# I

Ó fonte e origem do perene amor,  
que torna o abismo em messe pendoada.  
Eu sou a tua ovelha tresmalhada  
sedenta já do aceno do pastor.

Doce fanal que às vezes nos ofusca,  
outras nos guia a solitários portos.  
Consolação dos vivos e dos mortos,  
consente que eu te vença nessa busca

Consente que eu não parta nessa hora  
em que a luz é mais branda e sedutora,  
em que um ninho gorjeia em cada ramo.

Se vires pela estrada algum mendigo,  
Divino Amor, espera que eu te siga,  
Divino amor, escuta que eu te chamo.

*Os dois últimos versos deste soneto são de autoria do poeta José Abano.*

## II

Eu falarei de amor tão docemente  
que só o amor me seja arrimo e amparo.  
Em verso brando e pensamento claro  
louvarei o pastor de toda a gente.

Irei contigo ao fim do itinerário,  
fiel à chama do teu sangue ardente,  
que faz brotar das pedras a semente  
e muda em flor a estrada do calvário.

Quando eu me for por essa senda inglória,  
guia essa ovelha às relvas da memória  
e às fontes que gorjeiam no caminho.

Se o fel da ausência umedecer meus olhos,  
poda o vinhedo de dourados brolhos,  
leva-me às bodas onde jorra o vinho.

### III

Te encontrarei na solitária estrada  
onde o silêncio jorra das alturas  
e saberás que a ovelha que procuras  
volta ao rebanho para ser amada.

Se ponho o olhar na estrada percorrida,  
se vejo a dor e seu cortejo imenso,  
cada vez mais me alegre e me convenço  
de que a ceia do amor celebra a vida.

Tu nos convida ao bosque dos arcanos.  
Clareia as trevas para onde vamos  
e a paz dos teus caminhos nos concede.

Ó pastor dos rebanhos e das águas,  
dá-me a beber do cálice das mágoas  
e que seja infinita a minha sede.

#### IV

Fui castigado pela chuva e o vento,  
andei vagando em solitárias rotas.  
Sou o mendigo que perdeu as botas  
e foi dormir no seio do relento.

Te procurei à sombra dos ciprestes,  
que me acenavam com seus longos braços.  
Somente ouvi o arrulho dos teus passos,  
roçando a fímbria de noturnas vestes.

Seguiste o itinerário da agonia.  
Os teus caminhos nunca foram largos  
nem isentos de mágoas e de injúrias.

Quando bebeste os cálices amargos,  
pranto jorrou dos olhos de Maria  
sobre o clamor e o trigo das centúras.

## V

Sujeito estou ao jugo do teu braço,  
ao teu suave e doce pastoreio.  
Sou a ovelha perdida que não veio  
passar o longo inverno em teu regaço.

A noite é longa, chega-me o cansaço  
nos olhos e a saudade do menino.  
És a vertente, o veio cristalino  
que me aplaca esta sede e onde renasço.

Leva-me à verde relva onde os rebanhos  
escutam seu pastor e a doce flauta,  
que os guiam pelos montes e colinas.

As nossas perdas tu converte em ganhos.  
Salva do abismo os remos do argonauta,  
a alma e a voz das coisas pequeninas.

## VI

Há longo tempo espero a tua vinda  
pela estrada que vai para Emaús.  
No céu dos anjos já palpita a luz,  
na sombra exausta não é noite ainda.

Andaste sobre as águas, pescador,  
e as águas te obedecem docemente.  
Os peixes vão contigo na corrente  
e a corrente se espraia em teu louvor.

Meu coração anseia que já venhas,  
que me dês a beber o fel da cruz,  
esse amargor de esponja que não finda.

Tu me acharás na solidão das brenhas.  
No céu dos anjos já palpita a luz,  
na sombra exausta não é noite ainda.

## VII

Veio o pastor das bandas da colina  
com seu cajado e suas roupas velhas.  
Veio tangendo as crias das ovelhas  
para as livrar das aves de rapina.

O vento cessa e a noite se aproxima,  
crivando o espaço de murmúrios vagos.  
Chega de longe a música dos lagos  
e o resplendor da estrela vespertina.

Veio o pastor dos vales da Judéia.  
Seu rosto é igual à chama da candeia  
ressuscitada pelo odor do azeite.

Ó pastor de chacais e cordeirinhos.  
Leva-me à terra onde borbulham vinhos,  
correntezas de mel, rios de leite.

## VIII

Ó Cristo dos heróis e dos bastardos,  
Cristo dos humilhados e ofendidos.  
Pousem nos teus meus olhos distraídos  
pelo fulgor de todos os letargos.

Cristo de Judas, Cristo de Mateus.  
Cristo de Paulo, de João e Pedro,  
que foi a pedra onde cresceu o cedro  
até roçar nas vértebras de Deus.

Cristo que amou o vento e as coisas todas,  
que fez da água o vinho para as bodas  
e teve a face impressa em pergaminho.

Ó Cristo dos rebeldes e pacatos.  
Cristo insultado aos olhos de Pilatos  
e apedrejado ao longo do caminho.

## IX

Meu coração tem sede de infinito,  
de arder às chamas do infinito amor.  
Em vão procura a estrela do pastor,  
vinda à Judéia dos confins do Egito.

Ó pescador, me ensina as tuas redes,  
teu jeito antigo de remar a barca.  
Me ensina o testemunho dessa marca  
de sangue impressa em todas as paredes.

Regressa logo à casa do teu servo.  
Faminto estou do trigo do teu verbo,  
quero regar teus campos de centeio.

Quero apertar as tuas mãos amigas,  
ir às messes de Booz colher espigas  
para a ovelha que volta ao pastoreio.

## X

Ouço ainda o clamor de tua voz  
quando pregavas dentro das aldeias.  
Flamejavam teus olhos e as idéias  
e o verbo era da estirpe do albatroz.

Onde passou a fimbria do teu manto,  
onde a palavra ergueu seu estandarte,  
o milagre floriu por toda parte  
e a terra se cobriu de novo encanto.

Ao gotejar da areia dos minutos,  
leva-me ao bosque de dourados frutos  
onde onvirei esse rumor antigo

de água jorrando aos olhos de quem amo.  
Divino Amor, escuta que eu te chamo,  
Divino Amor, espera que eu te sigo.

## Anjo

Um anjo triste veio de Gomorra  
e foi dormir à sombra das colinas  
de Jericó. Ali onde pastavam  
os dourados rebanhos de Labão.

A noite dos chacais e dos camelos  
caiu pesadamente sobre os lagos.  
O anjo triste já perdia a voz  
e a memória de todos os pecados.

O anjo disse ao vento que pastava  
o feno dos cavalos e das éguas:  
*Deus não permita que me perca e morra.*

Quando a fonte dos olhos já secava  
o anjo triste cavalgou cem léguas  
não voltou mais às portas de Gomorra.

## **Desenho Abstrato**

Anjo é alguém que mora  
na ausência da aurora.

Alguém que passa o tempo  
florindo ao vento.

Alguém que passeia  
num carrossel de areia.

Que brinca de infante  
entre as sombras de Dante.

Alguém que navega  
do raio para a esfera.

Alguém que respousa  
no vértice da rosa.

Alguém que proclama  
as núpcias da chama.

Que empresta aos outros  
seus sapatos rotos.

Alguém que não se exalta  
e às vezes toca flauta.

Anjo é aquela sombra  
que ardeu em Sodoma.

## Canção do Anjo

Anjo não tem nome  
anjo não tem sexo  
anjo não tem cor  
anjo não tem epiderme.

Anjo não sente cheiro  
anjo não sente sono  
anjo não dorme nu  
anjo não faz chichi.

Anjo não diz nome feio  
anjo não vai à escola  
anjo não sente frio  
anjo não joga bola.

Anjo não vai á fonte  
anjo não bebe água  
anjo não bebe vinho  
anjo não fuma ópio.

Anjo não chora nem ri  
anjo não conta anedota  
anjo nem sempre fala  
das coisas que a gente gosta.

## **Anjo Músico**

Anjo toca flauta  
para se consolar  
e tanger os rebanhos  
das espumas do mar.

Anjo toca alaúde  
para se divertir  
e alegrar os palhaços  
que já não sabem rir.

Anjo toca guitarra  
à sombra das esquinas  
para acordar os passos  
das velhas dançarinas.

Anjo toca violino  
para as núpcias das coisas  
e seduzir os olhos  
das que morreram noivas.

## **Monólogo do Anjo**

Sou um anjo decrépito  
expulso do paraíso  
pela espada de Deus.

Costumo dormir  
à sombra dos pórticos  
entre mendigos bêbados.

Às vezes zombam de mim  
do meu rosto sombrio  
das asas dilaceradas.

Venho de muitos caminhos  
fui pastor de rebanhos  
nos vales de Jericó.

Conheci uma pastora  
tinha pestanas de mel  
e se chamava Rachel.

Sete anos de amor sem glória.  
Depois voltei a Gomorra  
onde perdi a memória.

## **Ficções**

Os anjos são ficções aladas  
cavalgam cometas e asteróides  
no espaço constelado de súplicas.  
Os anjos não têm sexo  
têm reflexo  
passeiam nos bosques da eternidade  
em seus velocípedes de fogo.

Às vezes brincam de ciranda  
nos pórticos do reino.  
Quando a noite desce  
os anjos se vestem de mendigos  
e vão dormir entre sombras sem glória.

Os anjos não têm corpo nem voz.  
São ficções de Deus  
como todos nós.

## Epístola

Ó filhos de Sodoma e de Gomorra  
nesses muros de pedra e de salitre  
brotam papoulas com fulgor de sangue.

Veio um anjo montado em seu cavalo  
espadachim de cenho taciturno  
para pregar a cólera de Deus.

Mas não ouvistes o clamor da voz  
que veio de uma nuvem pardacenta  
da mesma cor das plumas do albatroz.

Um vendaval chegado do deserto  
juntou-se à fúria das marés do Nilo  
para deitar por terra as vossas portas.

Choveu enxofre sobre os vossos campos  
vossas fontes secaram e só restou  
o esqueleto dos astros nas cisternas.

Do céu tombou ensangüentada lua  
arderam vossas casas e os pecados  
e as vestes trespassadas de luxúria.

Ó filhos de Sodoma e de Gomorra.  
Jamais vereis brotar um grão de alpiste  
nesses muros de pedra e de salitre.

## Árvore Mística

Deus é uma árvore de muitas raízes.  
À sombra dessa árvore germinou  
a dinastia dos homens e todas as coisas  
que dardejам e flutuam entre o céu e a terra.

Deus é o caule do cedro golpeado pelos raios.  
O estigma de fogo na fronte de Abraão.  
A água que jorra dos mananciais.  
O sopro que tange as cordas da harpa de David.

Deus é a fonte das súplicas. A concha  
da mão que semeia o trigo da misericórdia.  
Deus é o vazio que transborda.  
Os dias e as noites que se somam ao tempo.  
O tempo que se evapora em eternidade.

Deus é chama que te chama.  
Magnetismo que te arrebatava para o vértice.  
Arcano que te contempla das esferas.  
Braço estendido para os que sumiram no ventre  
da baleia. Túnica de azeite para a nudez  
dos ofendidos. Chuva primordial borbulhando  
nas entranhas da criação. Deus é a liberdade  
acorrentada ao pulso dos aflitos.

## **Cristo Exposto**

Esse Cristo magro  
esse Cristo roxo  
esse Cristo exposto.

Esse Cristo único  
esse Cristo sangra  
pelas cinco chagas.

Esse Cristo expulso  
teve os pés ungidos  
pelo odor do bálsamo.

Esse Cristo errante  
esse Cristo pródigo  
muda água em vinho.

Esse Cristo exorta  
esse Cristo é chama  
que incendeia a morte.

Esse Cristo agônico  
esse Cristo é o vértice  
do espaço e do tempo.

Esse Cristo tríplice  
esse Cristo é a senha  
para a vida eterna.

## Ladainha

Cristo que veio dos lagos  
ó barca dos afogados.

Cristo que veio da aurora  
ó Cristo da manjedoura.

Cristo que veio dos lagos  
Ó Cristo dos três Reis Magos.

Cristo que assombra os doutores  
ó Cristo dos pescadores.

Cristo que desfaz as tramas  
do mal, ó Cristo entre chamas.

Cristo que veio das bodas  
imune à espada de Herodes.

Cristo perseguido em Roma  
Cristo negado em Sodoma.

Cristo que veio dos lagos  
(esses caminhos amargos).

Cristo que regou as vides  
às margens do Tiberíades.

Cristo que roçou a túnica  
nos lábios de Madalena.

Ó barca dos afogados  
navega em água serena.

## **Pedro**

Tu és Pedro  
a chama que jorra  
das veias da pedra.

Tu és Pedro  
o caule do cedro  
os fundamentos da pedra.

Onde estiveres  
não restará da morte  
pedra sobre pedra.

Desde a nova era  
teu verbo incendeia  
reinos de pedra.

Sobre esta pedra  
erguerei as paredes  
da minha caverna.

LAUS DEO



## **Coleção Alagadiço Novo**

- IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; Imprensa Universitária da UFC – 1983.
- FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – Imprensa Universitária da UFC – 1983.
- TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – Imprensa Universitária da UFC – 1984.
- AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1984.
- CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – Imprensa Universitária da UFC, 1984.
- DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – Imprensa Universitária da UFC – 1985.
- POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1986.
- REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1987.
- GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – Imprensa Universitária da UFC – 1988.
- EXERCÍCIO DE LITERATURA – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1989.
- POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – Imprensa Universitária da UFC – 1989.
- A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
- LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
- UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
- IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – Imprensa Universitária da UFC – 1990/1992.

23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – Imprensa Universitária UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amorim – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – Imprensa Universitária da UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – Imprensa Universitária da UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – Imprensa Universitária da UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – Imprensa Universitária da UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – Imprensa Universitária da UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – Imprensa Universitária da UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – Imprensa Universitária da UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – Imprensa Universitária da UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – Imprensa Universitária da UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – Imprensa Universitária da UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – Imprensa Universitária da UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). Imprensa Universitária da UFC – 1994.

O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – Imprensa Universitária da UFC – 1994.

SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1994.

MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – Imprensa Universitária da UFC – 1994.

SEARA – Luciano Maia – Imprensa Universitária da UFC – 1994.

MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – Imprensa Universitária da UFC – 1994.

A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Nota de Sânzio de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1994

CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.

TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1995.

COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

POESIA COMPLETA – Aluísio Medeiros – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianinha Mesquita – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânz de Azevedo – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DO PALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – Imprensa Universitária da UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz Aguiar – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládia Aires Mourão – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteirol – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpidio de Menezes Neto – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – Imprensa Universitária da UFC – 1996.

93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – Imprensa Universitária da UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Manoel de Oliveira Paiva – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d’Alge – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A Cia DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
107. MENINO SO – Jáder de Carvalho – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
109. MARTINS d’ALVAREZ - Ficções – Martins d’Alvarez – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – Imprensa Universitária da UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida E Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
116. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim – organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ (rapsódia) – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.

## **Ficha Técnica**

PREPARAÇÃO DO ORIGINAL

### **Editoração e Projeto Gráfico**

Carlos Alberto Dantas

### **Tipo e Corpo/Entrelinha**

Bangkok – 10/12

### **Equipamentos**

PC PENTIUM (Software: PageMaker V. 6.0)

Impressora Xerox 4504 300 dpi

### **Revisão de Provas**

Francisco Carvalho

### **Produção Gráfica**

Imprensa Universitária



Impresso na Imprensa Universitária da

Universidade Federal do Ceará

Av. da Universidade, 2932 – Caixa Postal 2600

Fone/Fax: (085) 283.3260 Fortaleza Ceará Brasil